



camumbembe
contos

Adelice da Silveira Barros


CÂNONE
editorial

camumbembe

Adelice da Silveira Barros

camumbembe
c o n t o s

Obra premiada pela UBE do Rio de Janeiro
com a Medalha Harry Laus, 2006



Catálogo na Fonte

B277c Barros, Adelize da Silveira.
Camumbembe: contos / Adelize da Silveira Barros. –
Goiânia : Cãnone Editorial, 2008.

1. edição

150 p. ; 21 cm.

ISBN 85-87635-48-4

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.3

1. edição: 2008

Copyright © 2008 Adelize da Silveira Barros

Projeto e arte final de capa
Luciana Oliveira e Paula

Revisão
Célia d'Arc de Castro Duarte e Silva



Todos os direitos desta edição reservados
à Cãnone Editoração Ltda

Av. Sucuri, Qd. 137, Lt. 29, sala 9, Setor Jaó
74674-010 - Goiânia-GO - Brasil
Telefone/Fax: 0xx(62) 3093 7082
www.canoneeditorial.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Viver de brisa e engasgada
em livros. Meu desejo maior.

POESIA

Poesia

Pensava que não fazia

Fiz.

Desnudo-me a cada dia

Na esquina esconsa

Da literatura.

Bastou uma dose de uísque.

Para Vera Maria Tietzmann Silva.

SUMÁRIO

Abismo de nós	13
Túnel de papel	21
Um tema, por caridade	27
Holocausto	39
A lição	47
Sombra	53
Copidesque	57
La boca	63
Mistério em tons de azul	69
Sem julgamento	73
Um ser incompleto	79
Vida de gato	89
Esgaravataando feridas	97
De olho no diabo	103
Exaltação	111
Pin-up	117
Mortos-vivos	129
Sensações	143

ABISMO DE NÓS

Cada ser tem duas margens,
uma em cada lado do tempo.

Mia Couto

Sensação de perigo. De terreno escorregadiço. Não nego. O gosto pelo perigo navega livre pelo meu sangue irrequieto. Mas o tempo todo, pô?! De repente me vi convivendo com o temor covarde de um passo em falso, com o pavor constante de uma solapa traiçoeira no barranco, da fissura mortal. E eu me despencando rumo ao nada. O nada. O nada não existe. Ou existe? O que existe é a incerteza de cada um. O nada é o sonho de consumo dos covardes. Ou é o momento. O momento nosso com sua inconsistência absurda. Não pedimos. Não escolhemos. Não somos consultados. A falta de aviso é o que me aterra: a indolência de nosso cérebro para captar os indícios, perceber a armadilha escondida nos pequenos detalhes que engenham caminhos sem volta. Ou, quem sabe, não seja nem erro metabólico, quem sabe os indícios sejam mesmo imperceptíveis, talvez prevaleça a ausência total de sinais premonitórios em relação ao daqui-a-um-segundo, ao futuro. Até acontecer.

O que me levou à fuga foi o medo do inominável, do que me escapava, da grande avalanche que poderia me en-

golir, nos engolir. O medo da célula invisível (minúscula, destrambelhada célula) que poderia gerar o grande cancro. De danos irreparáveis em nossas figuras mal rascunhadas, ainda por se desenharem. De rótulos, quando nem nós mesmas tínhamos certeza. Era tudo nebuloso. A gente navegava na suspeita. A suspeita de um olhar mais demorado, sua mão esquecida sobre a minha. Pequenas gentilezas como ceder a vez no umbral da porta. Sutil, possibilidade apenas ventilada, mas suficiente para desassossegar meus temores imaturos. Cumplicidade, essa existia. Tão absoluta que nos fechávamos num círculo impenetrável. Foi esse fechar em ilha que me atemorizou, acovardou. Temi que certos ciúmes descabidos em relação a algum colega de classe, o súbito desejo de subjugá-la pudesse ser a rebeldia de um amor latente. A decisão (não sei se a melhor) foi a fuga. Foi o mergulhar de cabeça nos milhões de possibilidades razoáveis que a vida nos oferece.

Ali parada, com a mão na fechadura do portão, a audácia que julguei ter adquirido na convivência com outras culturas começa a desvanecer. Vou-me diluindo em tons diáfanos: sou azul prateado. Pensamentos azuis gravitam em torno de minha indecisão repentina. Azul prateado como tudo em volta: o gramado que podávamos juntas nos fins de semana, árvores nativas, animais que adivinho entre canteiros de flores plantadas por nós, adubadas com o carinho de mães que ainda não éramos. Sorvo a noite alagada de lua. De lembranças. Abro o portão ou volto dali mesmo? Livre arbítrio. Porra nenhuma! Alguns dirão: Mas você partiu por decisão própria. Ignoram que partir era minha única possibilidade. Ou parecia ser. Vaguei mundos, como me deu na telha, é verdade. No primeiro mo-

mento a idéia que me aflorou foi pintar de roxo os cabelos, jogar sobre as costas uma pesada mochila de couro e ir atordoar minhas dúvidas no agitado verão de Praga. *A insustentável leveza do ser* ocorre-me agora. Um oceano entre nós. E eu bebendo todas. Do fundo de cada copo de cerveja o demônio da ausência me acenava pelado. O jeito foi parar de beber. Minhas minguadas economias respiraram aliviadas. Mas, porra, como era boa aquela cerveja escura... Lá mesmo, sobre a ponte de Carlos IV, comprei de um ambulante sem identidade um vistoso sári de seda com ourelas de fio dourado. Por sugestão do vendedor, pinte com pó vermelho um kumkum no meio da testa. A imagem refletida no espelho que o ambulante me ofereceu era de mistério e sedução. E pela única razão de me sentir fora do contexto, apesar da diversidade de tipos que perambulavam por ali, descalcei meus pés e parti pra Índia. Aí, sim, o atordoamento foi total. Na chegada a Délhi julguei que meus temores haviam se confirmado: a queda no abismo tinha acontecido e o destino final fora o inferno. A primeira reação foi de pânico, mas por alguma razão desconhecida resolvi ficar. Atormentei à exaustão meus pobres ouvidos, vagando erma em meio a tamanha variedade de idiomas que, aí, sim, esqueci-me do motivo de minha fuga. Fui me acostumando ao lugar. Se nem eles, que são filhos da mesma pátria, se entendem, por que me angustiar? Muda, dividi meu espaço (que, aliás, era deles) na calçada com esquilidos indianos e com robustas vacas sagradas, legítimas representantes da Grande Deusa, bem parecidas com as nossas, diga-se. Mastiguei com paciência bovina o pão achatado, feito de grãos de trigo, sonhando com uma suculenta picanha na brasa. As vacas já começa-

vam a me olhar torto. E eu, direto pra elas. Saboreava a liberdade de não ser, e não sendo, fantasiei que eu era; pernavagava meu anonimato, extasiada com a incrível filosofia de uma gente que aposta no futuro, desprezando o presente (e pra nós, será que dá?), que não tendo o que comer é capaz de ficar por ali tomando sol como se todos os dias fossem feriados. Escovava os dentes na rua, como eles fazem, depois cuspiu de lado sem a menor cerimônia, vingando assim a rígida etiqueta que me impuseram desde sempre. Entretanto uma pudicícia rançosa embargou minha intenção de tomar banho em público. Depois, comovida até as lágrimas com o sorriso e a simplicidade daquela gente, percebi que a hora era chegada. Atendendo ao apelo amorenado de minha pele, parti para o continente africano, especulando o motivo da convocação. Não tenho interesse especial por animais, matanças gratuitas de seres indefesos nunca me pareceram um bom meio de diversão. Além disso, se os africanos cuspissem na minha cara a razão seria deles. Afrontar o esfacelamento de um povo, que ainda ontem padecia sob nosso jugo, mexia com meus brios humanísticos. Navegar o velho Nilo? Pode ser. Coloquei a aventura sob a guarda do apelo epidérmico e a resposta veio com força total.

De repente lá estava ele com toda a magnitude que lhe foi concedida: sensual e enigmático, o peito arfando sua milenar inquietude desértica. Fui literalmente tomada pela alucinação branca e, abismada, presenciei o incrível balé montado sobre o palco de minha loucura. No incessante movimento das areias entrevi corpos nus atrelados, entrelaçados. Contorcionistas, malabaristas, debochando de minha incredulidade. Ah, meu Santo Antônio dos em-

polgados, confessar é preciso: a beleza sensual do deserto desatarraxou meu escasso juízo. Dizem que é normal, que o delírio é conseqüência da astúcia do deserto. O indescritível rastejar de serpentes prateadas; sincronismo no distante esvoaçar de véus. Êxtase. Lascívia. Contornos indolentes de corpos agarrados, molengando a impudícia de sua volúpia abrasada. Cavalos fogosos acasalando a selvageria de ventos ocasionais. Atiçada a loucura, minha avidez pelo exótico aflorou desatinada. Mas nunca sonhei tão grandioso espetáculo. Nunca. Quedei-me assombrada diante da sinuosidade oceânica do Saara. De joelhos, fiz uma prece aos deuses negros por terem tramado tão grande beleza. E esperei. Na face açoitada pela aspereza das tempestades, recebi o delicado sopro divino que pariu o primeiro homem e a primeira mulher, dando, assim, origem a impensáveis solavancos. Sim, sou africana, filha do vento, oriunda das areias. Tratei de juntar-me a uma caravana de camelos e por dias e dias pisei feliz a cadência modorrenta e, conforme o horário, escaldante, contemplando a preguiçosa vastidão sem fronteiras. Atravessei vales e montanhas, apaziguando temores, aplainando medos infundados. E colhendo estrelas com as mãos, meditei. E quanto mais me pensava, mais ignorante me sabia. No topo da altura extraordinária de um erg, plantei (ou tive a intenção) a inquietude de meu espírito desatinado. Possuída de leveza, peguei a primeira caravana de volta, determinada a rumar para casa. Mas antes, com a intenção de fazer as pazes com a humanidade, resolvi estagiar em Nova York, talvez a mais cosmopolita das incontáveis cidades do planeta. Fui viver num prédio barato do Harlem, endereço impensável por meus amigos brasileiros. Sem pátria nem calendário, juntei-me

aos párias (que ali também eles habitam) e fui ficando, distraída de meus motivos. Foi lá que Maria me alcançou. Surgiu-me das brumas do álcool e da nicotina, no meio de uma noite barulhenta em um pub local. Abraçamo-nos felizes, perdoadas as dúvidas, as arengas. Com receio de reabrir feridas, não lhe fiz perguntas nem ela questionou minha partida inesperada, quase fuga. Em homenagem ao reencontro, tomamos vinho e ficamos bêbadas da presença uma da outra. E rimos e rimos. Rimos um riso sem causa, riso adolescente, riso quinze anos. Voltamos juntas para o meu quartinho alugado. Confesso que eu tinha a vista turva e caí imediatamente na cama. Na manhã seguinte ela havia desaparecido. Imaginei demoras na busca de meu paradeiro e que alguma urgência a tivesse levado de volta para casa. Peguei o primeiro vôo possível e aqui estou na expectativa de ser aceita por todos que condenaram minha partida sem despedidas.

Abro o portão. No jardim encharcado de azul o ipê-amarelo brilha mais que as outras árvores. Avanço decidida, acompanhando o ziguezague das pedras que levam à porta principal. As chaves estão comigo. Um complexo de filho pródigo me impede de usá-las; toco a campainha. Se não aumentaram seu volume estou perdida, porque a surdez de Joana certamente evoluiu. Adivinho a velha criada deixando, entre resmungos, a novela. Arrastando os chinelos pela brancura imaculada da cerâmica, atinge a porta, seguida de perto por Lúcifer. O gato se antecede a ela no reconhecimento de minha figura esdrúxula, bem diferente da que deixei aqui. No centro dos olhos amarelos, duas pupilas negras, no formato de grãos de arroz, me olham na vertical. Só depois ele começa a lamber o emara-

nhado de aromas que atestam meus dias de peregrina. A caseira é menos receptiva. Do alto de sua autoridade de anos e anos na família, olha-me sisuda. Abro os braços, mas ela apenas se afasta para me dar passagem. Entro. Uns resquícios de meu cheiro anterior ainda vagueiam pela casa. Nada foi suprimido ou acrescentado na sala, percebo, exceto uma caixa escura sobre o aparador. Em fotos espalhadas sobre os móveis, Maria, e alguém que não sou mais, sorri ou faz poses ligeiramente ridículas. O rosto oval, bonito; cabelos longos, escuros e anelados. Maria muito séria, sempre; mesmo nas fotografias exibe um rosto intrigante. Um olhar inquietante. Os quadros estão nos lugares e sei que os livros, e os CDs também. Finalmente faço a pergunta que me queima os lábios: E Maria? Maria?! Então você não sabe?! Claro, nem era pra saber. Mais de três anos de ausência sem um único contato. Natais, aniversários, tudo relegado ao esquecimento. Custava um cartãozinho, ou usar essas modernidades de vocês enviando um recado pela internet? Umas poucas linhas, quem sabe? A caseira vira as costas, seus ombros começando a soluçar. Finalmente fala, a voz escurecida pela emoção: Maria partiu há quase dois meses. Partiu, mas não por vontade própria como você. Saiu desta vida, morreu. Morreu?! Quase dois meses, você disse? Como, se há uma semana estivemos juntas em Nova York? Estiveram juntas, se falaram? Sim, falamos, quer dizer, quase nada. Então foi visagem, visagem, sim, agora começo a entender; foi um apelo dela pra você voltar. Nenhum corpo pode ficar suspenso, desvinculado da terra, a mãe verdadeira de todos nós, e os restos dela ainda estão ali, oh, dentro daquela urna lacrada, dia e noite sob meus cuidados. No começo ela não teve

confiança. Vigiava de perto minhas idas e voltas, talvez com medo de ser abandonada aqui. O Lúcifer, coitado, virava um ouriço quando seus passos de vento começavam a rondar a casa. Depois apaziguou-se, a coitadinha. Antes de morrer, Maria pediu para ser cremada, idéia mais doida assim eu nunca vi; e na ressurreição, como é que vai ser? Pediu também que as cinzas fossem plantadas por você nos pés do ipê-amarelo. E agora, quem não fica mais nesta casa sou eu.

TÚNEL DE PAPEL

Tenho doze anos e meio. Quase treze. Alguns me olham assim, desconfiados. Pensam que sou louco. Acho que sou mesmo. Um pouco. Até gosto de ser, mas eles são mais do que eu, porque acreditam no que não existe. E fazem coisas absurdas. Cara, em nome da tranqüilidade, do conceito de normalidade, aceitam tudo, até reduzir seu campo visual. Vê se você me entende: nascem enxergando em 360°, depois o campo vai diminuindo. Realidade. Janelas de vida? Links? Vou e clico: estou em tal lugar, a realidade aqui é tal e pronto, quem não se adaptar que se dane. Camisa de força. No mundo a colocaram e não tiraram mais. A minha... acho que tirei. Quer dizer, não sei. A vida é a vida, diferente pra cada um. O mundo é o mundo, cada um vê como quer. O meu é (ou foi?) sem fronteiras. Infinito. Caótico. A cor depende do dia.

Cada dia eu vejo de um jeito. Primeiro, via como todo mundo vê, eu acho. Quer dizer, quase todo mundo. Isso foi antes da coisa acontecer. Não gosto de falar dela, da coisa. Quando falo, sinto o medo voltando. E dói, cara.

Uma lembrança anterior à coisa: meu pai e eu, nós dois sentados na ponte, balançando as pernas enquanto a água rola a tarde morna. Um panfletista passa. Meu pai faz um barquinho com a folha de propaganda. Faz um gesto de lonjuras e me entrega. Joga, ele diz. Jogo. Depois co-

meço a roer as unhas, angustiado, vendo meu barquinho ir-se distanciando, distanciando. Pode ter sido um agouro, não sei. Quando a coisa aconteceu foi parecido, mas muito pior. A vida, as coisas começaram a se afastar de mim como o barquinho. Fui ficando sozinho, à margem de tudo. Até que um dia, sem essa nem aquela, despenquei da vida. É isso, cara, cáí da vida, não tô mais nela, na vida. Dá pra entender o que tô dizendo? Foi assim, eu estava sozinho em casa. Fico muito sozinho, sempre fiquei, mesmo quando era bem pequeno, não sei se minha mãe achava normal ou se não tinha outro jeito. Vou começar do começo: estou sozinho em casa, antes de sair, a empregada grita da área de serviço: teu prato tá no *microwave* (ela só fala assim, *microwave*, trabalhou na casa de um casal de australianos, aprendeu, nunca mais esqueceu, agora todo mundo aqui fala assim, até eu, às vezes). Jogo videogame. Não tinha tido nenhuma aula depois do colégio. Tava de saco cheio de não fazer nada, da internet, do desenho animado, dessas coisas que se faz quando não tem outro jeito. Penso em pegar um filme na locadora. Depois me lembro que a Microwave já tinha ido. As duas portas estão sem chaves. Estou sozinho, trancado, sempre fiquei. Uma vez pensei em atear fogo na casa só pra morrer queimado e depois, disfarçado de fantasma, assistir ao pranto de minha mãe. Sigo batalhando, sem nenhum interesse no jogo. Bocejo e de repente sinto as coisas irem-se afastando de mim. Loucura, cara, parece que eu tava no barranco e tudo ia embora na correnteza, como o barco de papel naquele dia. Nada é real, tudo está longe, lambuzado de bruma. Não faço parte das coisas, nem elas fazem parte de mim. Vejo tudo indo, indo embora, indo, e uma puta solidão

tomando conta de mim. Penso: pronto, aconteceu um troço aqui na minha cabeça e fiquei bobo. Mas não com essa calma. Tô bobo e nervoso ao mesmo tempo. Meu queixo começa a bater. Quero me levantar, me agarrar a alguma coisa, mas as pernas não me obedecem. Nem nos filmes de terror eu tinha sentido tanto medo, nunca.

Mãe me encontrou encolhido na poltrona, chorando. Um babaca chorão. Aí foi o maior fuzuê. O pediatra falou que era manha, necessidade minha de chamar a atenção de mãe. Acho que apesar de meio panaca o homem tinha uma certa razão, minha mãe tava sempre com gente que não era eu. Me mandou pôr a língua, eu pus assim, bem grande. Com jeito de sabichão, o médico recomendou umas coisas. No começo foram feitas, depois, sabe como é, acabaram meio esquecidas.

Quando aconteceu de novo foi ainda pior, porque, além do medo que eu sentia, eu sentia medo do medo que eu tava sentindo, entende? Sei que é meio complicado, mas é assim que é. Acho que fiquei muito esquisito mesmo, porque, lá do outro lado do mundo, Jimmy, o cachorro que tinham me dado (uma das poucas cláusulas que fora cumprida), começou a latir feito doido. A empregada tava por perto. Mas foi ficando longe. Aí eu tentava me agarrar a ela, ela fugia de mim, eu tentava de novo, acho até que pra acalmá-la, mas não fui entendido. Ela gritou com tanta vontade que fomos parar os dois no hospital mais próximo.

O psicólogo foi acionado. Deu uma razão relativamente simples pra angústia descomunal que eu tava sentindo: estresse. Como consequência, mãe perdeu a Microwave e passou a ter um gasto extra comigo. Meu pai,

como sempre, tirou o corpo fora. Diz não acreditar que conversa tenha poder de cura sobre as doenças, que não tem dinheiro pra gastar com frescuras de garoto mimado, essas coisas. Minha mãe aumentou sua carga horária e permitiu que eu fosse à biblioteca pública perto de casa, mesmo à noite. Em contato com os livros, comecei eu mesmo a escrever. Escrevendo, acho que me desatinei mais que o permitido pelas leis da normalidade. Sem freios, a imaginação me levou pra onde bem quis, para o outro lado da fronteira, o mundo ilimitado, a vida monumental, o céu, imagino eu, onde se pode tudo. Descobri o vasto mundo fora do círculo traçado, não sei bem por quem, e teria ficado lá, não fosse a intervenção de um colega (que entra em cena no próximo parágrafo), um pouco mais habilidoso do que eu no equilíbrio entre o que é admissível e o que não é.

Na terceira vez (para agilizar, eu acho) contrataram esse novo personagem, o psiquiatra, aquele, sim, doido de pedra, porém cheio de artimanhas. Quando saí do efeito túnel e me dei conta de onde me encontrava, reagi feito um louco, gritando me tirem daqui, me tirem daqui, seus filhos da puta! Acho que o médico não gostou da concorrência. Aí me colocaram numa camisa de força tão justa quanto a que vestiram na vida, no cosmos. Fui promovido a louco oficial. Disseram que meus escritos livres, sem regras, sem pontuação, não passavam de delírios fantásticos. Foi então que descobri um fato novo: ser louco dá tanto ibope quanto escrever um livro pornográfico ou pintar uns borrões só pra ver o indivíduo espremer o cérebro e não traduzir porra nenhuma. Investi na minha condição como se investe na carreira. Meu temperamento especulativo me permitia passar horas

e horas contemplando o mesmo objeto, que tanto podia ser uma mancha no piso, um ponto traçado na mente, quanto uma visita na sala. Pessoa é mais interessante, porque enquanto eu permaneço tranqüilo, com os olhos vidrados, ela vai se desconcertando. Mulher então, desconfiada, ela ajeita a roupa, muda de posição, especula se não tem nada aparecendo. É divertido.

No final das contas, dependendo do ponto de vista, nos demos bem: o psicólogo, o psiquiatra, as drogas e eu. Ter conhecido a escuridão, estado do outro lado, do lado onde o sol não bate e ninguém mais chega, ajudou-me a aceitar melhor o tratamento. Doeu. Tive um medo horrível de não voltar mais. Voltei. O preço foi a renúncia à inspiração, que, no meu caso dizem, poderia ser uma faca de dois gumes. Não sei.

UM TEMA, POR CARIDADE

[...] “quando tudo tiver sido dito, tudo ainda ficará por dizer, sempre restará tudo a dizer” – em outras palavras, é o *dizer* que importa, não o *dito*.

André Gorz

Manhã sonolenta. Segunda-feira descabelada, mal desperta para o trabalho. A escola. Filhos desarvorados, arrastados por mães. Seres divididos, bifurcados em atividades díspares: mandíbulas apressadas mastigam notícias num nervoso café da manhã, enquanto olhos ariscos controlam de soslaio os passos ágeis do relógio. Beijos mecânicos. Bater de portas, arrancadas bruscas.

O homem de braços cruzados. Parado. Enviesado. Amuado. Espremido entre cílios sisudos, o homem soturno contempla o cortante azul de um céu nu após o aguaceiro do fim de semana. No jardim suarento do homem de braços cruzados, amuado, enviesado, explodem cachos de luz (que seus olhos não vêem). O marulho do vento nas folhas do jerivá traz eco de vozes dos filhos que a casa não tem. Que mais? Enxames de abelhas bebem o cheiro morno de flores entrelaçadas. Só para se exibir, uma exótica borboleta matizada em tons de ouro e púrpura faz acrobacias por ali. Formigas trabalham criando, alargando os caminhos. O homem

se fecha em pensamentos sombrios. Se ao menos eu fosse pintor lascava umas pinceladas bem largas na tela azul do céu e depois assinava embaixo, atestando que era arte. Garanto que me davam crédito. Os entendidos manteriam calados seus bicos gananciosos, vislumbrando em mim a oportunidade de bons negócios. Os medíocres... Bem, esses estão aí para serem manipulados pela mídia. Mas não sou pintor. Com tantas oportunidades, optei pelo pior. Optei ou optaram-me? Sei lá, sei que estou aqui me maldizendo. DeploRANDo minha absurda condição de pescador de palavras, mergulhador no abstrato; um ser subordinado ao temerário escafandro condutor de idéias. Idéia (que alguns chamam de inspiração), essa coisa caprichosa e vaga que só vem quando quer, indiferente às regras da boa convivência. No trânsito, cara, é fatal. Lá vêm elas, idéias enxeridas, desgovernadas. Brilhantes, às vezes, atabalhoam nossa atenção, provocam tumulto, irritação. Xingatório. Minha mãe, coitada, que já se foi desta faz tempo, é quem leva a pior: Filho da puta! Eu mesmo nem percebo. Em casa sou o maldito, o lunático, o louco. Socialmente, um fracasso. Dizem bom-dia, respondo até logo.

De repente, o homem pára o choramingo. Concentra-se em varrer os arredores, no empenho da chama efêmera do início de um enredo. Depois cerra os olhos para o mundo. Encolhido, vasculha seus escuros, as solapas. O ruído voraz do cortador de gramas adocica o ar, remetendo o pensamento do contista à velha Europa, berço camponês de seus ancestrais, uma gente sonhadora, que vive desenterrando esqueletos de amores antigos, deixados na Itália. Encontros e desencontros. Promessas de retorno, com os bolsos cheios, que nunca foram cumpridas. Ao lon-

ge, o ronco de um avião estremece o espírito aprisionado do homem, sua clausura. O interfone grasna anunciando a chegada do piscineiro, apesar de ninguém ter usado a piscina desde a última limpeza. O jovem chega pilotando sua motoca, uma espécie de bicicleta motorizada, barulhenta e destrambelhada. Liga o sugador. Depois vai catando as folhas que nadam na superfície lisa da água. Uma a uma. Usa um boné azul, com a aba colada à nuca, e trabalha assobiando uma marchinha alegre. Só para puxar conversa, o contista pergunta: Que música é essa, companheiro? Sei o nome não, doutor. É lá da minha igreja. Igreja, muito bem. Você tem fé, rapaz? Se tenho fé, oxe, é claro que tenho fé. Então me diz uma coisa, se eu fizesse um trato com o diabo, você acha que ele cumpria? Oxe, doutor, que conversa atravessada é essa, vender a alma pro diabo, é isso? Sim, é isso, você acha que ele cumpre a sua parte? Cumprir ele cumpre, mas e depois? pensa no inferno, doutor. Inferno? O inferno, rapaz, tá é aqui, oh, dentro de mim, e queima feito o diabo. Que é isso, doutor, um homem famoso feito o senhor! Um homem famoso. Inferno é o vazio aqui dentro, a cabeça oca. Puro bambu. Famoso. Inferno é o fogo da vergonha de não engendrar uma fala convincente. Meio sem jeito com a intimidade repentina do patrão, o rapaz fala: Não sei nada desse palavrório complicado do senhor não, doutor, mas se tu perde a alma, doutor, tu perde tudo, doutor, não te sobra nada. O escritor continua catucando o piscineiro. Então você é um cara de fé, você acredita em honestidade, camarada, em gente decente, pode me citar um nome, um só? Oxe, o senhor tá na frente de um, chefe. Pobre não é que nem rico não, doutor, pobre cuida do nome. Zela.

Fé. Honestidade. O rapaz já ia longe quando o escritor gritou: Te invejo, camarada, queria um milionésimo da sua pureza!

A alma. Era de esperar que a alma do prosador planasse leve, lavada como as vidraças das janelas, mas não é bem assim. Respira fundo e pensa: E essa agora, de onde me vem a fenda, o vazio, a fissura? Todo o tempo do mundo, paz, tranqüilidade, esse aparato matinal todinho pra mim; tamanho conluio a meu favor e nem uma idéia, pô? Umazinha que fosse, medíocre que fosse? Nada? Tem aquela, mas não sei não. Se mil cabeças de donzelas dependessem de meu fluxo narrativo, eu tava era fodido, eu e elas. Qual o caminho, subir os degraus tortos do morro e descer ao submundo do crime, da prostituição, da corrupção ou apostar num projeto suicida?, pergunta desanimado. Maldita seja mil vezes a hora em que fui esgaravatar o quartinho ensebado de mestre Felipe. Lá estava ela à minha espera, estivera sempre. Muda e discreta, num desafio quieto, sem tempo. Não, pura bobagem. A época, o tempo de céu limpo, de mar azul, de encontros campestres com direito a cesta de piquenique e tudo, de casais enamorados nas páginas de enredos melosos, passou, evaporou-se. Agora é tapar o nariz e meter a cara na fedentina que a vida é. Mas a imagem permanece como uma nódoa, uma maldição. Acontece que o ficcionista se alimenta de idéias, não de estampas. Estampa suspeita, suspeitíssima ainda por cima, exumada da parede bolorenta de um velho colecionador.

Qual seria a chance de uma história que recendesse a grama aparada, a feno fresco, a leite sugado das tetas de uma pachorrenta manhã campestre? Que falasse de amor, de fidelidade, de doação?, pondera.

O contista conhece o risco. Sentado sob o caramanchão, dedos formigando na tecla, não consegue se livrar da imagem recorrente: um calendário antigo dependurado na parede de um colecionador barato. Uma reprodução em tons pastel de uma obra antiga de traços simples, claros, cuja assinatura perdeu-se entre borrões anônimos. Um Cézanne ou Monet, quem sabe? Tão natural quanto respirar, livre de poluentes visuais, de referência à violência, à miséria. O que impede uma pintura de transmudar-se em literatura? Um texto deve ser tão limpo quanto um quadro, pensa, deve arejar o espírito daquele que o contempla e não, confundir, desorientar, enojar, tirar o escasso sossego do indivíduo. É na ficção que o espírito atribulado do homem busca refrigério. A ficção é o contraveneno que inativa o efeito do caos, da loucura coletiva. O ficcionista (um romântico enrustido?) recusa-se a continuar embrutecendo ainda mais o espírito do leitor com o realismo, a crueza de suas histórias, narrativas que, se expostas em quadros, certamente causariam repulsa, asco. A vida por si já é uma puta aberração, pensa desanimado, por que atazanar o público com atrocidades fictícias? Tudo bem que nós, brasileiros, sejamos uma gente bovina, de couro grosso, que tenhamos nascido à prova da bizarrice de qualquer situação. Eleições, por exemplo (para citar um entre milhões de itens), a escolha daqueles que se dizem nossos representantes, haja fôlego. Estômago para digerir. É cada tipo, cada proposta, cada susto! Agüentamos o realismo, mas cansa. Será que em nome do realismo não estamos banalizando o crime, o roubo, a falta de caráter?, pergunta-se. Literatura com cheiro de esgoto é literatura? Perdido por perdido...

Rodeado de matagal verde, um caminho. Vermelho. Estreito e pedregoso, serpenteia a montanha em suave acive. Por ele segue a moça de farta cabeleira alourada, chapéu de palha italiana rosa chá, sandálias de couro recém-adquiridas num charmoso *souk*, não sabe ao certo se em Tânger ou Casablanca. Nas mãos uma cesta de piquenique. Caminha em passos de dança, quase saltitando. De distância em distância, o cão retorna pastoreando a dona. Abana o rabo, recolhe a língua salivosa, intercortando a respiração acelerada. Abaixo deles, o mar. O velho mar embala sua tranqüilidade milenar, o azul de um pintor pródigo em cores. Um barco preso a uma árvore ao lado do ancoradouro. Ao fundo o céu em nuances de esfumatura.

Sentado à sombra de um carvalho, o jovem usando folgado *seraweel* espera. Sabe que ela virá. Apesar da certeza, impacienta-se com a demora, pondo e tirando nervosamente seu tarabich vermelho. E quando ouve os passos dela, bate-lhe o coração com estardalhaço de apaixonado. Levanta-se de um salto, assustando o cão que vinha na frente espantando as moscas, lebres e cobras, quem sabe. Ela chega de mansinho com um sorriso espontâneo no rosto corado. Não se beijam a princípio. Dizem apenas um oi, ele de pé, incomodado com as mãos, ela tirando o chapéu para fazer alguma coisa. Os dois, por motivos diferentes, ligeiramente embaraçados. Sente-se, convida ela com jeito de dona da casa, e não ele, como deveria ser. Ah, claro, vamos nos sentar, ele diz, ajeitando apressado um tapete de seda sobre as folhas secas e ásperas. Sentados, permanecem em silêncio, prisioneiros do próprio pensamento. O cão encurrala um lagarto entre duas raízes. O lagarto aventura uma brecha, o cão aprisiona o bicho sob suas pa-

tas. Os olhinhos dele faíscam como se dissessem: Se eu fosse maior te trucidava, dava um nó no teu rabo e depois te fazia em farrapos, seu cão sarnento!

Um brinquedo, ela pensa, apenas isso, um brinquedo vivo que, no entanto, tem vontade, sente medo, revolta e tudo mais. Todo cuidado é pouco. Estou com sede, ela diz como se falasse para si mesma.

– Sede? É claro, abro o vinho num instante.

– Vinho? Que bom que eu tenha me lembrado do pão. Pão e vinho, a comunhão, a ceia, ela diz, profética. Trouxe também frutas secas, azeitonas e castanhas.

– Não falta nem mesmo a tentação.

– Tentaçãõ? (então ele sabe, tem consciência de que é o próprio Lúcifer, piscando seus olhos flamejantes para a vítima indefesa, no caso eu). Mas desconversa: Não sei de que tentação você fala.

– Falo do barco lá embaixo. Não é nenhum iate, mas tem espaço suficiente para duas pessoas.

Ela estremece, recebendo o primeiro recado do inverno que parecia distante. Bebe um gole generoso do vinho, começando a sentir-se mais confortável. Depois outro e mais outro. Resolve ganhar tempo. Você não me pega! Desafia, correndo em volta da árvore, indiferente ao ridículo da brincadeira. Uma adolescente tardia, brincando de gato e rato, pensa. Pego de surpresa, ele escarafunha meios de enganá-la por algum tempo, prolongando a brincadeira. De repente, demonstrando ser mais ágil do que ele imaginara, ela corre matagal adentro.

– Você não me pega!

Ele, que havia perdido um tempo precioso, resolve levar a sério a perseguição, mas escorrega num cipó e

estatela-se no chão atapetado de folhas, gemendo. Ela volta assustada. Ele geme cada vez mais alto.

– Calma, meu amor, eu cuido de você. Onde dói? A clavícula, o braço, a coluna? Ela pergunta numa voz ansiosa, doce e amiga.

– Aqui, ele diz, apertando o coração. Ela percebe tarde demais a armadilha de seus braços, aprisionando-a. Os dois rolam sobre a relva macia, rindo como crianças. Depois, muito sérios, enroscam-se dominados pelo calor do vinho e da paixão, quase sem fôlego pela sofreguidão do desejo. Lá embaixo o barco balança no ritmo de um tempo que inexistente para o casal de apaixonados.

Estão novamente quietos. Saciados e tranqüilos como dois felinos que acabassem de devorar sua caça, lambem os lábios. Sérios. Ela, sentada, com as pernas esticadas, as mãos para trás, suportando o peso do corpo, olha abismada para a imensidão do mar, o mesmo mar que banha a costa de seu país. Se vê miúda, insignificante, transitória. Sente um arrepio de premonição como se também fosse desaparecer num instante, ser engolida pela noite como o pôr-do-sol que se avizinha, como o dia que existiu, deixou marcas; registrou acontecimentos importantes, nascimentos, fatos históricos, encontros e desencontros amorosos. Mortes. No entanto, irá se apagar como a chama de um fósforo. Desaparecerá para nunca mais existir, levando nas dobras aquele encontro momentaneamente intenso, porém quase absurdo, inconsistente.

De repente, ela toma consciência da transitoriedade da vida e da imutabilidade da natureza. Entrega-se a uma grande tristeza, pensando: Não é justo, daqui a cem, duzentos, mil anos esse mesmo mar continuará se auto-em-

balando no mesmo ritmo, com a mesma gama de cores, ameaçando os mesmos penhascos, enquanto que de mim, de nós dois (sem falar do cão), não restará mais nada, com muita sorte algum retrato carcomido e remoto na parede de um colecionador anônimo. Desejou não estar ali, jamais ter vivido naquele país exótico; nunca, nem no dia da chegada, sua condição de estrangeira lhe pesou tanto.

Ele, de costas, as mãos sob a nuca, fixa um ponto distante no céu acinzentado. Fala sem encará-la, a voz quase reticente, numa aflição mal disfarçada, sem saber onde buscar argumentos no caso de uma negativa. Ficando na mesma altura que ela, pressiona os lábios sobre sua orelha, mordisca de leve o lóbulo sem brinco, numa carícia macia, ousada e irresistível, sussurrando:

– Tenho tudo pronto no barco para nossa primeira noite inteira de amor. Do pôr-do-sol ao amanhecer. A noite de nosso casamento. A primeira de muitas noites, até que a morte nos leve, isso no caso de não sermos imortais. Comprei o vestido de noiva bordado com fios de ouro, o mais rico que encontrei.

Ela pensa: Não, por Deus, ritual não, enquanto fala de um fôlego: Você sabe que eu não vou, sabia desde o início. Sempre soube que eu não ficaria aqui além do tempo necessário.

– Iludi-me, porém, como um tolo qualquer, ele diz irritado, as palavras ásperas cortando como lâminas.

– Quantas esposas você pretende ter aqui no Marrocos?

– Teria quantas fosse capaz de sustentar. Mas só quero uma, você. Nem todos os homens daqui têm mais de uma esposa. Sua voz é contida, ligeiramente trêmula por causa

da irritação que não consegue disfarçar. Então é isso. Você não confia em mim, não me ama o suficiente para me seguir incontinenti, sem ficar aí fazendo perguntas, conjeturando desavenças futuras, sem olhar para trás. Não sou um pastorzinho qualquer, não vivo em tenda de lã, você sabe, moro na zona moderna da cidade, num apartamento como os de vocês brasileiros. Fui educado na França. Trabalho com exportações, você sabe. Não nego que aprecio um *mechoui* bem temperado, mas nem por isso sou um bárbaro.

De repente o discurso dele beira perigosamente à grosseria, à vulgaridade: Mulher nenhuma jamais se negou a entrar no meu barco. Você recusa o que seria um privilégio, uma honra. Posso ter esposas, escravas, quantas eu quiser.

– O que está em jogo não é o amor, nem as diferenças, ela fala com voz impessoal. É o dever, a gratidão. Eu já te disse, ele não tem mais ninguém além de mim, está velho, solitário, deixou a cátedra, não é mais lembrado para palestras, conferências, caiu na vala fria do esquecimento. Foi meu professor, era um ídolo, quase um deus. Sem falsa modéstia, eu sou, digamos assim, o último fio que o mantém atado à vida, à carreira, sua única fonte de alegria. Além disso, não posso deixar a universidade. Minha tese de doutorado está pronta. Tenho um contrato a cumprir, só me resta retomar meu trabalho no Brasil, não pode ser diferente.

– Pois então que se rompa logo esse fio, que morra logo esse velho, que se dane essa universidade.

Ela pensa: Como ele é rude, impulsivo, egoísta. É um berbere oriundo das montanhas, embora o negue até à morte. Em casa deve falar um dos incontáveis dialetos berberes. Por isso me ajudou tanto no trabalho de lingüística. E como,

Deus meu, é jovem e belo, e como eu o quero assim selvagem, arrogante, cheio de defeitos, do jeito que ele é, e como estou à beira do precipício, a um passo de largar tudo e entregar-me a essa aventura tão novela das oito. Ah, se ele soubesse o quanto de tentação há nas oposições!

Custou-lhe um mergulho profundo nos confins dos infernos dizer: Questões culturais não costumam ser compreendidas por povos de costumes diferentes. Gostaria que você entendesse isso, que aceitasse, que não me quisesse mal.

– Mas quem é que te quer mal senão esse egoísta de seu marido? Se te quisesse verdadeiramente, diria: Vá ser feliz com seu estrangeiro! Mas não, antes mantém a esposa atada a seus pés como uma escrava, uma enfermeirazinha qualquer.

Ela coloca dois dedos sobre os lábios vermelhos e carnudos do rapaz, tão doces e macios quando bem-humorados, mas duros e hostis naquele momento. E pensa: Eu amo esse belo e rude homem, ele me mete medo e me atrai como a luz atrai a mariposa. Todo cuidado é pouco para não chamuscar minhas pobres asas. Que será que o impede de me pegar pelos cabelos e me levar à força para esse seu barco forrado de tapetes, almofadado com ais e suspiros e gemidos de tantas mulheres? Meu coração é dele, eu sei. Mas a razão não, essa ainda me pertence. Perdê-la seria a ruína.

– É hora do chá, ela diz mansamente, desmanchando o tufo negro e encaracolado dos cabelos do rapaz, que lhe caem sobre os olhos sombrios. Talvez este não seja nosso último chá, mas o próximo pode estar distante, pode demorar meses, anos, décadas até. Façamos dele um momento único, inesquecível.

Descem a montanha em passos lentos, cegos ao espetáculo rubro do pôr-do-sol. Distante, o mar vai aos poucos perdendo sua majestade, recolhendo-se em sombras, abismos soturnos. Em breve será um buraco negro espumando ruidosas ameaças para o continente. Não se tocam. Ele, visivelmente irritado. Ela, melancólica, lutando bravamente para segurar suas convicções.

HOLOCAUSTO

Estão matando nossas filhas e mulheres/ e
acompanhamos pasmos o enterro das vizi-
nhas./ Sem contar as que abortam nos subúr-
bios/ e se enterram em ensangüentados panos
menstruais,/ e as que expulsamos dos portões
de nossa honra,/ e vão apodrecer varizes no
pantanoso orgasmo dos mangues.

Afonso Romano de Sant'Anna

Matei. Matava outra vez. Uma, duas, um milhão de vezes eu tornava a matar aquele velho. Sua morte era o único meio de livrar-me do cheiro podre que me entranhara corpo adentro. Ninguém pode imaginar o cheiro, não, cheiro não, a catinga dele. Só a morte tinha poder para livrar-me da fedentina. A morte dele, não a minha. Com que gana enfiei a faca no peito raquítico do velho. Um único ponto pegava, eu ruminando as sabedorias da mãe: apesar de idoso, o velho não tinha feito amizade com a morte, e partidas impetuosas, sem o devido entrosamento entre o morrente e a morte, fazem brotar espinhos nos sapatos do caminheiro. Mas fazer o quê, se ele não se prevenira?... Matando o velho, acertei contas primeiro com meu pai, aquele safado, que deixou largada minha mãe comigo no bucho. Perdi a conta de quantos golpes desferi contra o corpo retalhado, sem vida. Na orgia do sangue que jorrava, vinguei-me de

todos os homens que abusaram de mim, quando nem peito eu tinha ainda. O verdureiro da esquina, onde mãe me mandava pedir fiado. Sujeito ordinário, asqueroso. Babão. Mandava tudo que mãe pedia, mas só depois de me amassar como se eu fosse uma bola de meia. Eu saía de lá meio troncha, pensa para um lado; irritada e confusa, brandia toda sorte de impropérios contra o salafrário. Em casa um miserê danado. Se voltasse de mãos vazias, apanhava.

Dos irmãos, eu tinha e ainda tenho muita pena. Magrinhos, raquíticos, carinhas sujas; nos olhos dependurados, a nostalgia dos escorraçados de nascença. Nunca me iludi. Sei que a sombra da servidão será nossa companheira; fiel, seguirá nossos passos esburacados vida afora. Não importa o nome da cidade, do estado, sempre há de ter uma rua barrenta, casas infestadas de barbeiros, esgotos vomitando porcaria na cara espantada do sol, enquanto o dinheiro dos impostos fica todinho nos bolsos de administradores safados. É pra esse tipo de lugar que a gente sempre vai. A mãe, coitada, errando todas naquela sua imprevidência crônica, seguindo qualquer um que lhe promettesse casa, comida. Amor. Que amor que nada, tudo palavras à lua, e mais um filho das estrelas abandonado. Cresci, sem ter crescido, nessa realidade.

Ajustei contas também com o homem da carrocinha, que um dia me prometeu um saco de batatas fritas se eu fosse com ele. Amarelinhas de dar água na boca. Ia fazer nada não, só queria olhar meus peitinhos, que mal-e-mal começavam a brotar. Eu tinha o maior orgulho deles. Entrava na privada e, apesar do medo da goela enorme e fedorenta me sugar pra dentro da terra, ficava ali olhando pra eles, imaginando como seriam depois de crescidos.

Queria que fossem grandes e redondos como os de mãe. Quando passavam alguns dias sem que eles doessem aquela dorzinha gostosa, ficava apavorada com medo de que tivessem desistido de crescer. Era a primeira coisa que eu sentia sendo minha. Meu segredo de mulher. O homem da carrocinha me levou para trás do muro desbechado de uma casa abandonada. De um safanão arrancou até à cintura meu vestidinho encardido. Era tarado o tal. Pedófilo, aprendi depois na televisão. Mal me viu pelada começou a babar e a resfolegar feito um cão danado. Tentei correr e ele me segurou. Apertava-me tanto com aquelas mãos grossas que eu via a hora que elas esmigalhavam meus pobres peitinhos. Depois começou a me lamber. Reagi, e sem essa nem aquela, o homem me lascou uma mordida daquelas que fazem a gente ver constelação em pleno calor do sol. É por razão disso que de um lado eu não tenho bico. Mesmo com o eclipse que turvou minha vista, lasquei-lhe um chute no saco, do jeito que via meus irmãos trocarem entre si. O da carrocinha se arriou gemendo. Nisso eu já ia longe, sem o meu saco de batatas. Desse também me vinguei, pelo aleijão e pela dívida não paga. E de outros mais.

Faltavam alguns dias para eu completar catorze anos, quando o velho apareceu. Ficava na esquina perto da escola vendo a gente sair. Olhava vidrado pro bando esfarrapado de meninas. Com o tempo seu olhar foi suavizando na minha direção. A fome que eu via naqueles olhos de cão sem dono era a mesma que arranhava minhas entranhas. Um dia o velho me seguiu. Apertei o passo, ele também. Aí me irritei e perguntei bem assim: Qual é a sua, vovô? Te enxerga não? Ele riu, compreensivo. Embora tivesse ouro na boca, seu riso era de prata. Perguntou se eu não queria

ir à casa dele, não era longe não. Fui o quê! Depois da experiência com o carroceiro tinha ficado esperta. Também não pedia mais fiado na mercearia da esquina. Dois de meus irmãos já eram flanelinhas na Avenida Brasil. A gente ainda passava fome, mas nem tanto. Para me esquecer dela eu desandara a estudar meus livros de segunda mão, rabiscados e orelhudos, e a ler o único livro (fora os livros escolares) que havia em nossa casa, uma Bíblia grossa, surgida não sei de onde. Talvez daqueles crentes que queriam arrastar mãe pra igreja deles a todo custo. É que eles não sabiam da inconstância de mãe, se soubessem nem gastavam seu tempo com ela.

A Bíblia contava histórias sem nexos (pelo menos pra minha ignorância) de um Deus que abençoava alguns escolhidos, e seus rebanhos cresciam e eles ficavam com muitas ovelhas, muitas reses, muitos escravos, muitas mulheres e filhos; de um Deus que exigia de seu povo pesados sacrifícios, sacrifícios de sangue, de vidas; holocaustos em nome da purificação. História antiga e de compreensão acima de minha mirrada capacidade.

No dia seguinte, lá estava o velho no mesmo lugar. Pensei: bem que ele podia ser meu avô. O meu tinha ficado lá no esturricado sertão da Paraíba, comendo lagarto assado na brasa, quando tinha; não o veria nunca mais. Falo de meu avô materno. Do paterno nunca tive a mais remota notícia. Em nossa casa só se conhecia a mãe. Os pais eram figuras mentirosas, inventadas segundo a imaginação de cada um. Mãe dizia que meu avô era bom, carinhoso, que me botava no colo quando eu era bem pequenininha, antes de ela entrar na aventura de vir tentar a sorte aqui no sul. Veio iludida, recheada de esperança. Encon-

trou foi mais miséria, que essa está em tudo que é lugar. Mãe é boa de coração. Seu problema é ter encafifado com o amor. E padecer da inquietação de romper fronteiras, caminhar por estradas desconhecidas, pegar atalhos para ver depois no que é que dá. Confia em qualquer um, jurando que é aquele, que agora acertou.

Quando o velho me fez a proposta, pensei: pelo menos não estou apaixonada, se não der certo largo ele de mão. Com esse ou com outro qualquer dá na mesma. Além disso, naqueles dias eu andava pelas ruas contando urubus nos telhados. Um era gosto; dois, desgosto; três era carta; quatro, convite; e cinco era sinal de casamento. Eu acabara de ver um gosto bem nas minhas fuças, quando enxerguei a figura desalentada do velho. Misturei o urubu com a aventura. Dei a mão pro velho e segui sem olhar para trás. Não sei se em casa me procuraram. Talvez por pouco tempo. Numa casa com sete bocas ávidas como as nossas, uma a menos não é falta. Pela rua o velho me olhava daquele jeito que me dava vontade de que ele fosse meu avô. Acreditei poder agüentar. Perguntou o que eu mais desejava e, meio sem jeito, eu disse que era uma boneca. Ele comprou a que eu escolhi. Eu ainda era virgem, não tinha me perdido não. Não sabia, mas a vida também ainda era virgem pra mim. A casa dele era limpa. Poderia ser bonita se não fosse a ausência de vozes pelos cômodos grandes e esparramados. Mas perto da nossa, onde todo mundo dormia amontoado, roupa suja espalhada por tudo que era canto, paredes descascadas e com marcas barrentas de pés, aquela tinha jeito de paraíso. Estava tão agradecida a ele que me deixei possuir sem um ai. Ignorei suas mãos enrugadas, cheias de manchas escuras, passeando pelo meu corpo ainda por ter-

minar; o hálito que me fazia lembrar a privada de nossa casa. Fiz vista grossa a tudo isso. Tinha uma casa limpa, cama macia, lençóis. Tinha até boneca. Sabe que andei perto de me convencer de que era feliz?

Mas o velho foi ficando cada dia mais velho, cada vez ficava mais tempo dentro de mim, prolongando sempre mais e mais a agonia. De repente deu pra tossir. Tossia o dia inteiro uma tosse arranhada, difícil, e depois escarrava um catarro amarelo e grosso dentro de um penico descascado. E ainda vinha me beijar com aquela mesma boca do escarro. Me dava tudo sem que eu pedisse nada. Deu vestidos, dois pares de sapatos, batom e até perfume. Eu podia ver televisão o quanto quisesse. Via o programa da Xuxa inteirinho. Naquele tempo meu sonho maior era ser paqueta. Via filmes de aventura filmados em outros lugares, longe daqui. Comecei a pensar: como o mundo é grande e como é bonito! Mas sair de casa eu não podia. Os dias eram tão monótonos que todos eram um, sem discriminação de semana, mês. Às vezes a chuva despencava em pingos robustos, recendendo o ar a terra molhada; outras, era o sol que arreventava no telhado, mas dentro da casa perdurava o cinza.

Comecei a enjoar daquela tosse ricocheteando pelos vazios das paredes, da catinga azeda que exalava do velho. Da cusparada grossa a toda hora. Aí me veio inteira a nossa casinha magriça, as brigas por maior espaço no colchão, os tapas distribuídos a esmo por nossa mãe. Ouvi o som de todas as gentes falando e rindo ao mesmo tempo. Vizinhos chegando e saindo, trazendo e levando fofocas, bisbilhotando. De tudo eu tinha saudade. Da escola, da merenda carunchosa que nos serviam. Prisioneira da ociosi-

dade, descobri que herdara o temperamento irrequieto de mãe, e queira Deus se também aquelas idéias de ser feliz a qualquer custo. Disse ao velho que ia embora. Aí ele trançou portas e janelas. Acusou-me de ingratição. Disse que eu lhe custara um mundão de dinheiro. Calculei e vi que não era tanto se comparado ao meu sacrifício. Tentei convencer o velho, que se agarrou a mim dia e noite, insatisfeito, querendo mais, cobrando seus direitos, eu tão imunda quanto ele, sua fedentina entrando-me pelos vãos, cavando ninhadas de vermes dentro de mim. Minha pele gritava seu desespero, arrebatando-se em pústulas sangrentas. Foi aí que as duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: encontrei no criado a faca, afiada como um punhal. Em seguida, lembrei-me da Bíblia, leitura de difícil interpretação, mal-entendida por mim.

Despi-me de toda a roupa, pentei, com cuidado de noiva, os cabelos; perfumei colo e umbigo. Preparei-me com a diligência de uma sacerdotisa. O primeiro golpe pegou-o desprevenido durante o sono. Deve ter ido direto ao coração, porque o corpo do velho estrebuchava de mansinho. A visão do sangue atçou meus ódios e desfechei no corpo agonizante nova facada, e outra, outra e mais outra, até perder a conta, até a carne de meus braços tremer rendida. O sangue jorrou um jato forte, incontrolável, sobre meu peito mutilado; salpicou-me o rosto, os cabelos, emaranhou-se pelo ventre, escorreu pelas pernas, inundou-me os pés. E finalmente livrou meu corpo da imundície que o empestava. Pela segunda vez, inocente e pura, eu nascia de parto normal, em farto banho de sangue. Então quedei sossegada como uma ovelha recém-parida.

A LIÇÃO

Minha alegria permanece eternamente soterrada/
e só sobe para a superfície/ através dos tubos de
filtros alquímicos/ e não da casualidade natural./
Ela é filha bastarda do desvio e da desgraça,/ minha
alegria:/ um diamante gerado pela combustão,/
como rescaldo final de incêndio.

Waly Salomão

Ninguém tem o direito de se arvorar em superior; ali, menos ainda. A soberba, naquele lugar, pisava terreno falso. Num lugarejo ermo, encarrapitado nos confins do infinito como o nosso, a ausência de oportunidades nivelara de mais ou menos para quase nada. Ninguém era completamente rico ou absolutamente pobre. Todos plantavam seu canteiro de couve, sua touceira de banana e ia-se vivendo. A maioria tinha suas galinhas meio depenadas, uns tinham alguns porcos no cercado, outros possuíam meia dúzia de vacas nuns pastinhos de merda. Os donos das vacas eram os ricos. Mas o que são alguns porcos ou meia dúzia de vacas para separarem gentes que nasceram nas mãos da mesma parteira, que beberam o leite do mesmo úbere?

No tempo do meu pai quem trazia o leite era o Manuel Macega; no meu, já era o Maceguinha pernetta, manquitolando a égua ruça (e nós atrás fustigando o animal, respirando seu peido). Muitos culpavam o capim pelo gosto

podre do leite. Qual nada, dizia meu pai, e alguma vaca, mesmo criada com economia de pasto, ia ser louca de comer macega? O gosto forte vem de outra fonte, vem é da água barrenta do Mata Cavallo. O safado do Macega raleia o leite antes de distribuir pra essa gentalha de merda, que não presta nem pra reclamar, pra meter a mão na cara do desavergonhado.

Mas apesar dessa quase igualdade, sabe-se lá por quê, deram para bisbilhotar, dizendo que a Tianinha se via diferente. E de tanto se sentir, ou de dizerem que se sentia desigual, acabou ficando acima dos outros. Todo mundo no povoado entrou nessa de tratar a Tianinha como um ser especial. Penso, não sei, que tudo começou por causa daquela pinta avermelhada que ela tinha no lado esquerdo da cara, pra mim, uma estrela guia, um sinal de predestinação. Mas não era só isso não. Tinha muito mais: o ar de decisão; aquele seu jeito cadenciado de andar; de olhar o mundo como se soubesse dele; o viso meditativo em águas profundas, enquanto nos contentávamos com a periferia das questões. Tudo isso era diferente nela. Sei disso de ver e de sentir.

Tianinha era mais velha do que eu. Morava na sexta casa acima da nossa, bem no topo do morro. Muitas foram as vezes que ela me resgatou, quando me via desgarrado de meus irmãos e, num choro sentido, tentava vencer o aclave para me juntar à molecada que já ia longe, alheia à minha humilhação. Tianinha escancarava minhas pernas em suas ancas e subíamos os dois agarradinhos, eu com o nariz metido na maciez de sua cabeleira. O choro, que em mim chorava fácil, estancava-se por milagre; a raiva sumia, todo eu ocupado em ser feliz. O contato com o vai-

vém macio de suas ancas eriçava-me a pele em calafrios de febre maligna, o coração bumbumzava acelerado. Tianinha ria covinhas maliciosas e de sua boca de lábios generosos exalava o cheiro da goiaba madura. Isso, há muito tempo, bem antes de a desgraça instalar-se em sua pele.

Quase ninguém gostava dela. A implicância das mulheres era mais nítida que a dos homens. Quanto a mim, amava perdidamente a moça, não só pelas muitas caronas em suas ancas, como pelo tanto que sua passagem desenfeurava nossa rua. Mas se não gostavam dela, respeitavam-na. O partido mais cobiçado da cidade pertencia a ela por direito adquirido na concessão de todas.

Mamãe fez o que pôde para me esconder dos outros e de mim mesma. Toda vez que alguém bisbilhotava sobre a mancha, ela falava em alergia, conjeturava sobre uma consulta ao médico na capital, o que nunca aconteceu. O espelho era escondido na gaveta mais alta da cômoda. Eu não me sabia, sequer conhecia minha face. Só pelo tato. E dava para sentir na ponta dos dedos a aspereza no lado esquerdo. Um dia subi no banquinho da cozinha e peguei o espelho. Antes que pudesse analisar a aparência que eu tinha, a pinta saltou apavorada sobre meus olhos arregalados, e eles ficaram saturados dela. O estranho é que acabaríamos nos reconciliando, a pinta e eu. O primeiro contato foi terrível. Criança nenhuma aceita a diferença: nome diferente, roupa diferente, cara diferente; aleijão, nem me fale. Tudo que toda criança quer é ser igual aos bonitinhos da classe.

Não, eu não queria aquela mancha avermelhada no meu lado esquerdo da face. Enfrentar a luz crua e indiferente do sol nas ruas foi o desafio que aprendi a vencer. No trajeto pra escola eu erguia a cabeça, pisava firme, fingindo

uma segurança que estava longe de possuir. Algo dentro de mim dizia que, se bobeasse, ganharia apelido; seria criticada, renegada pelos colegas. Depois disseram que era uma pinta bonita e com o tempo aprendi a valorizá-la. Mas daí a querer ser melhor do que os outros é puro engano. Ser igual foi tudo que eu sempre quis. A batalha que empreendi. Agora aqueles que nunca souberam de mim têm a petulância de falar em castigo...

De tempos em tempos eu conferia minha altura na fita métrica que mamãe usava para medir a cintura grossa de suas freguesas de costura. O resultado ficava sempre abaixo da emergência que me agoniava, da necessidade de ultrapassar, em altura, a mulher que me consumia em fogo lento.

Um dia começou o diz-que-diz-que, o zunzuzum bisbilhoteiro. Primeiro, entre as comadres, na porta da igreja. Seguras de seu saber doméstico, falavam de castigo, de justiça divina. Depois, espremido entre bigodes respeitáveis, o boato alastrou-se agourento pelos balcões de cerveja, pelas mesas de bilhar e, meio roto, chegou ao puteiro da cidade. Só não circulou entre as crianças. Naquele tempo, meninos e cachorros eram enxotados da roda dos adultos. Percebi apenas que o som da risada de Tianinha deixara de alumiar os escuros de nossas vidas. Minhas pernas já eram fortes o suficiente para me carregarem ladeira acima, mesmo assim eu ansiava pela carona nas ancas de Tianinha, não mais escarranchado, mas abraçado ao molejar de sua cintura fina.

Já era quase um rapazinho quando a verdade me atacou de surpresa, como um assaltante no escuro. Portando

o ar sério, reservado às cerimônias como casamentos, batizados, essas coisas, mamãe fez a convocação. Convo-cou-nos, a mim e à minha irmã, os menores da casa, para quê, exatamente, não sabíamos. Fazia tempo que não me pesava mais a obrigação de acompanhá-la nas visitas às comadres. Obedeci porque mamãe falou com jeito de mando, não de convite. Nunca lhe perguntei nada, mas ainda hoje, na solidão de meus subterfúgios, eu questiono o objetivo daquela visita: se havia intento e, no caso de haver, se foi cumprido. Maldade não foi, disso eu tenho certeza.

Limpos e penteados, caminhamos os três em silêncio. Minha vontade agia em sentido inverso à de minha mãe, que caminhava decidida, enquanto eu ia meio esquerdo dentro de minha roupa bem passada. Ia ressabiado por acompanhar duas mulheres a passeio em pleno horário de molecagem pelos terrenos baldios. Se fosse visto por algum da turma, era chateação na certa.

Paramos no umbral da porta. Lembrei-me de que fazia um tempão que nenhum dos menores entrava naquela casa. Ninguém entrava mais, salvo algumas mulheres dadas à caridade como minha mãe. A dona da casa nos atendeu sem demonstrar surpresa ou satisfação. Seu jeito era da mais pura resignação. Com o gesto comedido de seu braço descarnado, indicou-nos o caminho.

Atravessamos a sala, ainda mais despida do que a nossa, antes de alcançarmos o quarto com sua única janela estreita, coberta por uma cortina escura. Aos poucos meus olhos foram-se acomodando à pouca luminosidade. No centro do quarto, uma cama estreita embrulhada num mosquitoireiro de filó amarelado. Dentro, uma pessoa ou o que restava dela.

Mais intuí do que vi, e foi o bastante para sentir um murro na boca do estômago. Suas partes íntimas estavam cobertas com panos folgados, como se ela tivesse regredido à condição de bebê. A respiração apressada era a de um recém-nascido. O som ininterrupto daquele peito arfante, como o fio de uma navalha, feriu o desconforto de nossa robustez. A mancha desaparecera de seu rosto. Tudo que se podia ver nela tinha o tom vermelho de um corpo em carne viva. De suas chagas não saía sangue, mas uma coisa amarela que destilava uma água espessa, um lento, sofrido e contínuo esvair da seiva que ainda respirava naquele corpo desfigurado. Insuportável não era o cheiro da carne podre. Insustentável era o brilho febril de seus olhos acuados, a expressão envergonhada de quem se sabe diferente; de quem perdeu a batalha e se reconhece irremediavelmente apartada do mundo dos supostamente normais.

SOMBRA

Luz

Encruzilhadas

Não era desejo meu encontrá-la. Não. Ainda não. Não digo que o medo do Aqueronte borre meu interior com sua negritude pegajosa. Talvez não, mas possuo, sim, o instinto de sobrevivência. Sei do túnel. Sei do encontro no final. E bestamente procuro evitá-lo.

O túnel no qual eu sigo, empurrado pelo sopro do tempo, como se caminhar fosse a única função para a qual fui criado. Caminho bamboleante, em descompasso com a vontade, questionando o sentido, ou dessentido da existência.

Ao contrário da maioria, não estabeleço metas. Vou até onde o senso de retidão me permitir. Caminho controlando meus passos na tentativa de um rumo adequado, freando a pressa. A ganância. Sei que muitos são seus escravos. Por onde passo, vejo encruzilhadas, sinais evidentes de atalhos criados com o objetivo único de encurtar o caminho. Escondidos sob altas muralhas, há castelos, mansões. Contra os bisbilhoteiros, há guardas armados nos portões dos castelos e diabinhos dissimulados corrompendo com suas ofertas de oportunidades milagrosas. Acredito no diabo. Quanto a milagres, sou cético.

Cheiros e vozes

Desejo secreto

Tão escondido que nem eu mesmo sabia

Nesta caminhada, à qual me esforço para dar sentido, ouço vozes e sinto cheiros. Vozes cansadas de caminhar tão perplexos quanto eu com os brados e sussurros que vazam pelas frestas das paredes enlameadas dos castelos de vidro. Em seus bojos redondos dizem trabalhar aqueles que detêm as rédeas de nosso destino. Os fazedores de leis e seus executores, até recentemente nossos representantes, entre aspas, diga-se. Agora alguns deles têm a petulância de se dizerem autônomos, apesar do salário mirabolante que NÓS lhes pagamos. Entre eles sabemos que há lutas, batalhas verbais e físicas, que quase sempre terminam em acordos vergonhosos. Vergonhosos para nós que caminhamos na poeira da estrada reta, mas nem um pouco vexaminosos para os detentores da impunidade, cuja pele é mais grossa que a dos mortais comuns.

Companheira quase invisível

Às vezes paramos, meus companheiros e eu, para uma refeição ligeira. Encostamos nossas cabeças na tentativa do descanso merecido. Que descanso que nada, até esse direito nos foi roubado. Junto ao cochilo vêm os rumores, denúncias que nos roubam a vontade do sono e atacam nosso desgastado senso de justiça.

Houve uma parada, que eu considero de grande importância. O ar estava particularmente impregnado com o

odor de vozes alteradas vazando pelas paredes de uma das fortificações.

Sua presença entre nós se fez sentir pela primeira vez. Não tem cor, mas também não chega a ser completamente opaca. Senti um leve estremecimento enquanto demonstrava que sua presença não era exatamente bem-vinda entre nós, gente ordeira, que bem ou mal tem lá seus motivos de apego. Mas ela se fez entender. Afirmou não estar ali por iniciativa própria. Vinha sendo insistentemente chamada pela população da estrada larga, à qual eu tenho o mérito de pertencer. Desde então, com breves e misteriosos momentos de ausência, discreta e digna, ela segue nossos passos. Nunca se impôs. Sabe esperar.

O clamor surdo da população

O ignorado poder da vontade

Aquele, nas cercanias do qual nos encontrávamos, não era o maior. Talvez não fosse também o mais luxuoso dos redutos. Mas sobre seu teto de vidro pousavam negríssimas estátuas de urubus. E pelo teor das discussões oriundas de seu interior, percebia-se não haver, entre a quase totalidade dos membros da instituição, desejo de punição, reformas, moralização. Estavam antes empenhados em abocanhar o maior naco da carniça em questão.

Nos raros momentos de descanso, os caminheiros deram para rugir tão alto quanto aqueles que, tendo optado pelo atalho, não admitiam retrocesso. E a presença da companheira mais que suspeita, indesejada e ostensivamente ignorada pela maioria, se fez nítida. A oferta de seus préstimos, captada por vários companheiros, começava a fazer sentido. Surtir efeito.

A força da mente

Com o apoio da imprensa a voz dos caminhanes criou corpo, engordou. Acordou mentes adormecidas no travesseiro da impotência.

Esgotara-se, no desvão da papelada, o tempo da espera. Agora é tudo ou nada. Finalmente a permissão foi dada pela maioria dos empoeirados. Ela que entrasse com sua foice. E ceifasse à vontade. Contra o galope da corrupção, só a morte.

COPIDESQUE

Ouve o ruído seco do trinco às suas costas. Som de graveto quebrado; áspero como a notícia que ele acaba de receber. Fechou-se a porta. Pelo menos me serve de apoio, pensa, encostando nela o corpo arfante, as costas pisadas de dor. Tremor parkinsoniano no gelo das mãos. O queixo desgovernado bate em frenética disritmia; barulho sinistro de chocar de ossos. Respira fundo. Não! Respirar, não! Preciso poupar a porra desse pulmão deteriorado. Ergue a cabeça. Meio zonzo patina a oscilação bêbada do piso. Não é o corredor iluminado que ele percorreu há um milhão de anos, com o envelope debaixo do braço e uma fé inexorável naquele seu jeito meio garotão, meio cafajeste, que tanto agrada às mulheres. Reza para não encontrar a moreninha na sala de espera. Inútil a troca de telefones, e-mails. É claro que não irá procurá-la. E se ela fizer contato não responde, decide.

Azar (e poderia ser diferente, na maré em que ele acaba de embarcar?), a morena ainda não foi atendida, continua na sala de espera, vidrada na televisão. Torna a respirar, sentindo a opressão de um mal-estar novo, muito pior que o anterior. Dor moral, ferida fresca, sangramento sem trégua. Sente-se diminuído diante de seu orgulho animal. Decide-se pelo cinismo, a navalha dos desesperados. Caminha até a moça, simulando tranqüilidade. E aí, tudo

ok com seus exames? pergunta a moça. Eles decidiram por mim. Em assembléia secretíssima, sem direito a apelação, deliberaram pela minha morte. Vou morrer. Eu também, ela diz toda alegriinha. Dentro de quatro ou cinco meses, feito eu? Talvez até antes, nunca se sabe. Vamos trabalhar com possibilidades: estamos em dois mil e cinco, tenho vinte e um anos. Antes do final do século o bom senso me aconselha a desocupar o pedaço. Ficar mais tempo seria abusar da retina alheia. Não sou do tipo que louva a velhice, acho os velhos bonitinhos. Nem acho justo oferecer aos outros o espetáculo gratuito de minha decadência; não quero de jeito nenhum me transformar numa velha decrepita. Bem, desse problema estou livre, falo sério quanto à morte. Eu também. Engraçado, estou tentando estabelecer a conexão entre o que entrou para o consultório e o que voltou de lá. Você mudou. Está diferente. Pra melhor ou pior? Melhor, tem mais senso de humor. Ninguém é o mesmo no momento seguinte. Estamos à mercê de decisões terríveis, irrevogáveis, sinistras; alguma vez pensou nisso? Pode estar acontecendo com você. Agora. Neste exato momento, por um capricho qualquer de seu organismo, razão desconhecida, banal, uma célula doidivanas resolve destrambelhar de vez e começa a multiplicar-se e multiplicar-se, até virar um cancro monstruoso, maligno, tudo na maior calada, aí dentro de você, sem dar o menor sinal. Credo! Pára com isso! Humor negro, eu, hein! Mas é verdade. Impressionante a sutileza das aberrações que acontecem dentro do corpo do indivíduo. Nunca desconfiei e só agora estou pensando. Distraídos às mudanças do jeito que a gente é, acho que o certo seria cada um ter seu radarzinho particular e algumas caixas de reposições. To-

dos os dias antes do banho o sujeito passava por uma vitória geral. Qualquer suspeita era só trocar a peça, não é mesmo? Desculpe, chegou a minha vez. Boa sorte, posso esperá-la aqui? Se for embora sozinho, corro o risco de meter uma bala nos miolos. Claro que pode. Não quero carregar sua morte na consciência.

Sozinho, lembra o momento que vai infernizá-lo até o último instante de sua vida. Os gestos mecânicos do médico ao retirar o lacre do envelope. O cenho fechado durante a leitura. A indiferença na voz, que dizia mais ou menos isso: carcinoma. Car o quê, doutor? Cinoma. E isso é grave?, porque, veja o senhor, eu nunca tive nenhuma doença, salvo os males do amor, mas contra esses não há remédio. Uma paixão cura outra e vai-se vivendo. Não se morre de amor. E disso aí, morre-se? Morre. Pois então trate de me curar. Não foi pra isso que o senhor estudou, passou anos alisando seu bundão nas carteiras de escolas públicas? Eu vi seus diplomas na parede. Sou médico, não sou milagreiro. Quanto tempo? Com ou sem tratamento químico? O tratamento cura? Não, retarda. E eu sou lá homem de retardar agonias, doutor, se tem que ser, que seja logo. Vejamos, você cultiva algum tipo de fé, em Deus, nos curandeiros? Ou no demo, se preferir. Não, só acredito na medicina, e é por isso que o senhor não pode falhar. Não vai tentar a barganha? Algum tratamento alternativo? Não. De três a quatro meses, então; cinco, se tanto.

O pior era ter-se humilhado diante da arrogância do médico, um homem robusto, dilapidando saúde. Tomara que ele pegue um carcinoma dos brabos, igual ao meu, aí vai ver o quanto fede o bafo da morte.

Agora está ali, borrando nas calças enquanto espera a moreninha. Não quer pensar, mas pensa. Será que morrer é assim pá bum e ponto final ou o camarada fica ao léu fantasmagorando os vivos? Charlatão miserável, custa-va mentir? Dizer que era uma simples pneumonia? Pra que me acrescentar mais esse quinhão de catástrofe, quando o planeta inteiro está à beira do caos? Crise geral: mundial, nacional e individual. Alguém merece? Eu mereço? Será que tenho tempo pra uma revisão, passar a limpo os cadernos de meus dias mal escritos? Pra um copidesque com os amigos antes da redação final, aquela que vai prevalecer? Mesa redonda com as mulheres que passaram por minha vida? Fazer um DNA pra saber se o filho que tentaram me impingir é de fato meu? Que decisão mais louca foi essa de falar a verdade pra uma desconhecida? Falei e ela pensou que fosse blefe. Suponhamos que ela tope uma noitada com final erótico, num motel ou no meu apartamento, depois de um agarra-agarra bem feito; será que na hora agá dou no couro? E se broxar? Duvido que o serviço de um condenado seja ao menos sofrível. E lá vem a dita toda alegriinha. Ânimo, camarada, faça de conta que hoje é ontem, que não sei de meleca nenhuma, que metade de meu pulmão não é esse troço paralisado que o médico bundão falou. Oi, e aí, pra onde vamos? Estou com sede. Eu também. Kabanas, Breguellas, Buteko do João? Pra mim Breguellas tá ótimo.

A moça é tesudinha, mas burrinha que só. Outra vantagem: fala feito metralhadora, assim, se bater uma deprê braba, ele pode ficar calado. A companhia ideal para o absurdo da situação. Se fosse mais esperta poderia sa-

car a verdade, enxergar debaixo de sua camisa arfante o pulmão carunchado. Fisgar o medo nadando na sua corrente sangüínea, o choro camuflado em riso. Daí tudo poderia acontecer, porque intimidade com a morte ninguém aceita, sua proximidade provoca cataplexia nas pessoas, quanto mais em mulher, bicho assombrado por natureza. E aí, adeus beijinhos, trepada no fim da noite (se ele conseguir).

Decidiu gastar naquela saída tudo que o cartão de crédito lhe permitisse. Depois do chope e dos petiscos no boteco, foram comer espaguete com filé de lagosta e caviar no Bistrô Camilla. E muito vinho chileno. Depois uma esticada até o Café Cancún. Dançaram e tomaram uísque. Passava das três, a dor nas costas era insuportável; sob o ar condicionado, a tosse não lhe dava trégua; a moça pra lá de alegre. Mãos rolando debaixo da mesa. Era hora do convite formal: Tenho alguns CDs em casa. Pensei que a gente pudesse dançar mais à vontade lá, ãh? As mãos geladas, torcendo pela negativa, mas ao mesmo tempo cagando de medo do convite não ser aceito. Anrã.

E agora? Se não desse no couro? Essas coisas espalham-se. E o mínimo que ele podia fazer por si mesmo era deixar o nome limpo na praça. O recurso, como sempre, foi o banheiro. De longe controlava a menina. Assistiu seus bocejos cada vez mais freqüentes, as cortinas dos olhos fechando e abrindo, viu quando ela debruçou a cabeça sobre a mesa. Vasculhou a bolsa dela até encontrar o endereço. No saguão de seu prédio explicou ao porteiro o melindre da situação, a moça completamente bêbada. Arrastou-a para cima, acomodou no chão o corpo sem vontade da garota. Tocou a campainha e escafedeu-se.

No dia seguinte a moça ligou uma, duas, dez vezes, sem sucesso. No outro dia, espantadíssima, viu estatelada no jornal a cara do suicida sem causa. Virgem Santa, então era verdade?!

LA BOCA

Volto a receber visitas./ Fantasmas contemporâneos,/ irreverentes,/ desobedientes a regras ou convenções./ e que desarrumam páginas, nomes e fatos/ do meu passado./ Estabelecido o tumulto,/ desfazem-se, zombeteiros,/ aos primeiros raios do sol/ e me deixam, morto de sono,/ dirimindo sonhos,/ descosendo asas,/ desnudando dores,/ revestindo a vida.

Marcelo Ribeiro

A dificuldade com o fecho do macacão era mentira. Quando a artimanha não foi mais possível, abri o zíper de alto a baixo, deixando à mostra os seios e parte da calcinha rendada. A seda molenga escorregou corpo abaixo. Eu agia com lentidão, tentando ganhar tempo, à espera de um improvável acontecimento que me salvasse da humilhação. A volta do Rony, por exemplo, à procura das chaves do carro ou para me dar um último beijo. Acalentava a possibilidade, sabendo que nada disso iria acontecer. Decidi caprichar no jogo. Com gestos estudados, retirei a sandália do pé direito, do esquerdo. Finalmente, numa atitude com pretensões de sensualidade, mas que soava cômica, eu sei, despi a calcinha. Com as pernas separadas, queixo erguido, num desafio igualmente burlesco, encarei meu agressor. Pelo brilho de seus olhos congestionados, percebi que fora vítima da própria estraté-

gia. A lentidão no ato de despir-me, um quase strip, deixara o homem ainda mais excitado.

O relógio de cabeceira marcava 3:52. No bairro tranquilo a população dormia. Teria de me sujeitar ao invasor. E isso não era tudo. Nem o pior. O pior viria depois. O pior era a certeza da reincidência.

Comecei a recolher os pedaços de minha pobre história, quando era muito pequena. Muy chica, como dizia vovó Gina.

Para minha excêntrica avó, eu era muy pequeña para tudo, menos para pegar-lhe um pouco mais de bebida, até que o álcool anesthesiasse suas frustrações. Então ela falava as verdades que, enquanto sóbria, mantinha escondidas em compartimentos secretos de seu conturbado cérebro. Dizia que minha mãe, su única hija, quando jovencita, costumava dançar el tango – el gotán – en los bordeles portuarios, en La Boca.

Minha avó embebedava-se com cachaça guardada em uma garrafa de vinho, com o rótulo tão sujo e gasto que já nem se podia ler o nome e a procedência dele.

Um dia perguntei a minha mãe sobre el tango. Seus belos olhos faiscaram de ira. Cuspindo chispas, ela disse que minha avó era uma velha bêbada e louca, que não dizia coisa com coisa. Que ela, minha mãe, fora criada en La Recoleta, bairro nobre de Buenos Aires, e não na zona boêmia da cidade, onde minha avó, imigrante italiana, fora criada.

Resolvi continuar as investigações junto à velha. Levava seu copo de cachaça e provocava o assunto. Su madre, dizia vovó com voz pastosa, numa mistura de espanhol e português, que eu aprendera a decifrar, ficou de nariz empi-

nado depois que conoció su padre. Quando soube que estava embarazada, que tu ias nascer, ficou muy contenta. Pero pouco nos ajudou a união de los dos. Junto com o velho, su padre, foi-se também a boa vida. O que nos restou neste país de estrangeiros?, perguntava, abrangendo a sala quase vazia com seus braços magros, a pele solta dos ossos num emaranhado de pelancas. Os móveis, verdadeiras obras de arte, objetos de grande valor, foram vendidos. Um a um para sobrevivermos até que su madre arranjasse trabajo.

À medida que fui crescendo, as perguntas foram rareando. Não queria mais saber daquela realidade triste que minha mãe tanto se esforçava para esconder. Entretanto não era nem adolescente ainda quando a verdade veio ao meu encontro, com o impacto de um tapa na cara, um murro na boca do estômago.

Acordei com a voz de minha mãe, que mesmo contida soava alterada. E uma voz masculina, desconhecida para mim, com um timbre áspero, desdenhoso. Falava um português correto, quase puro. Não me venha agora com melindres, Angelita, dizia o desconhecido, antes de conheceres Miguel Corte, quem eras tu? Uma dama? Dama! Dama, sim, mas da noite. Cala-te, miserável!, bradou minha colérica mãe. Ouvi o tilintar de suas pulseiras de prata e imaginei seu braço erguido desafiando o homem. Deixei os cobertores e escondida no alto da escada vi o vulto dos dois sob a luz pálida e suja do velho abajur da sala. O homem mantinha minha mãe presa num abraço forçado. Queres que eu acorde tua filha e conte a ela quem tu és verdadeiramente? A resposta de minha mãe foi um lamento triste. Não, por favor, tudo, menos isso! Faça o que queres, mas aqui.

Aquela foi a primeira vez que presenciei o que deveria ter sido um ato de amor. Do alto, o rosto mal iluminado da mulher, seus olhos revirados tinham o mesmo ar desolado que mais tarde eu veria nas madonas dos grandes mestres. A cara do agressor, eu não podia ver. Não vi nunca e de mil maneiras eu seguiria fantasiando a feição do desconhecido. A voz também não pertencia a nenhum dos tios que esporadicamente almoçavam em nossa casa. Corri até o quarto e peguei a arma que era mantida ao lado de minha cama. Um revólver enferrujado que pertencera ao meu pai. Posicionei a arma na direção dos dois, coloquei o dedo no gatilho. Eu ensaiara o gesto um milhão de vezes quando desconfiava da presença de ladrões dentro de casa, a avó dormindo o peso do sono dos bêbados. Mantive a mira à espera da oportunidade. O tempo não passava ou eu achava que não passava. Depois de um prazo, que me pareceu eterno, o homem parou de gemer, afastou-se da mulher e começou a erguer as calças. Era o momento. Apertei o gatilho com toda a força de meus dedinhos finos. A arma fez um plec ridículo, em total dissonância com minha convicção de vingadora de minha indefesa mãe. Permaneci parada, segurando o tremor de meu corpo magro, corroído pela verdade que eu não podia mais ignorar.

Naquela noite, depois da cena, determinei que não teria a vida miserável daquelas duas mulheres. Não sabia definir meu sentimento em relação a elas: pena e ódio alternavam-se enquanto eu ardia em febre súbita, buscando no universo masculino de meu escasso arquivo a cara do estuprador.

Do palco onde colocaram os formandos em Engenharia Química, eu a vi depois de anos. Era uma anônima na platéia abarrotada. Estava mais cheia. Ainda bela. E triste. Tinha certeza de sua presença, assim como sabia que ela jamais me abordaria. E a avó, teria morrido ou estava muy borracha para sair de casa?

Após barulhenta comemoração no salão de festas do edifício de um colega de classe, Rony me deixou em casa com a triste e desgastada obrigação de uma vez mais submeter-me ao estuprador. O agressor da noite era o representante do prefeito na cerimônia de formatura, um homem distinto, com um ligeiro sotaque estrangeiro.

MISTÉRIO EM TONS DE AZUL

Dormiu mal. Ainda assim pegou a estrada bem cedo. Tinha pressa. A lembrança do Funil inquietava, revolvía, roía. Lugarzinho desapaossado de gente, danado de fodido, pensou arrepiado. Melhor não bobear, melhor atravessar a várzea com a claridade do sol.

Era um vale estreito, cavado entre montanhas lúgubres, assoladas pela estridência áspera de ventos perenes. Lugar ermo, habitat natural de corvos, gaviões, morcegos e sabe-se lá mais o quê. Sinistro, o vale por si metia medo, quanto mais sob a ameaça da sombra da noite, que ali chegava invariavelmente mais cedo.

Não contava encontrar chuva pela frente, mas foi o que aconteceu, mal deixou a propriedade da família. Diante do aguaceiro inesperado, ficou dividido entre seguir viagem ou retroceder. Avaliou o desapontamento do pai, que o enviara à casa do futuro sogro em missão urgente; o escárnio dos peões, uns broncos incapazes de distinguir um veado, um maricas qualquer, de um cavalheiro genuíno. Além disso, havia a prima, sua prometida desde o nascimento. A prima. Fisga-se muitas vezes relembrando intrigado o olhar da prima. Suspeitava nela uma expressão de franca condescendência, como se ele fosse, digamos assim, um ser inferior. Pensava nisso com um certo constrangimento. O jeito determinado da menina, seus pés li-

sos, de dedos roliços, arrematados por unhas transparentes. Perfeitos (ainda não sabia, mas era fissurado em pés femininos). Não que a prima fosse exatamente bonita. Os olhos eram duros, inquisidores, adultos demais para um rosto tão jovem. Pena que sorrisse pouco. O sorriso abrandava, iluminava a severidade dos traços, neutralizando aquela odiosa expressão de perversa inocência que tanto o incomodava. De qualquer forma, para Martim, naquela idade, toda mulher que possuísse pés bem feitos seria considerada perfeita. A lembrança dos pés da prima muniu o espírito fraco do rapaz de uma audácia incomum. Decidido, vestiu a capa Ideal, esporeou o cavalo e seguiu por sendas arenosas.

Uma chuvinha fina, renitente, acompanhava o viajante. Atravessou com ele vasta extensão de cerrado de árvores retorcidas em muda agonia, de campos ermos, estremecidos por ásperos trinares de pássaros. E em estreita cumplicidade, que os unia até à medula, atingiram o Funil. Sentiu um certo alívio ao constatar que sob a cortina de água o paredão fantasmagórico formado pela cadeia de montanhas era completamente invisível. Respirou fundo, mudou de posição na sela, ajeitou a capa sobre os ombros doloridos e, confiante, varreu com os olhos a quietude mansa dos arredores. Essa foi sua desgraça. Antes tivesse seguido teso na sela, tivesse mantido a vista presa à crina do animal. Mas olhou e, entre o emaranhado branco das nuvens, viu a fosforescência azul de um cavaleiro garboso, regamente montado, galgando soberano o cume da montanha. Constatou admirado que, apesar de ser grande a distância entre os dois, ele podia avaliar o porte ereto do cavaleiro, sondar seu semblante firme, admirar o ar deste-

mido do viajante. Deslumbrado com a luminosidade da visão inesperada, incomum, não atinou para a impossibilidade de qualquer animal, por mais esperto e bem treinado que fosse, atingir uma tal altitude. Viajavam em direções opostas, o Cavaleiro Azul e ele. Esperou com mal contida ansiedade pelo encontro que fatalmente ocorreria, vigiando cada gesto do cavaleiro, que descia a montanha em sua direção. Foi aí que a história desandou para o inexplicável: faltando uns poucos metros para o encontro, quando o homem misterioso estendeu-lhe a mão num cumprimento amigável, Martim viu claramente, com estes olhos que a terra há de comer, dizia enfático, o fenômeno que o deixou paralisado (acontecimento que ele nunca pôde entender, quanto mais explicar). Iniciando pelo penacho do chapéu e terminando no solado da bota, o Cavaleiro Azul, com cavalo, sela, arreata cintilante e tudo mais, foi sendo desmanchado pelos dedos molhados da bruma. Em questão de segundos, o aparato fulgurante foi transformado em transparentes fios de chuva. Não sobrou nada além do espanto e do vaticínio de uma escuridão precoce. O relincho estridente do cavalo de Martim quebrou o estupor, enquanto as cordas do medo açoitavam suas patas em louca disparada.

Anos depois Martim faria o primeiro e único balanço de sua vida – trajetória pontilhada por escassas vitórias e inumeráveis derrotas. Retrocedendo, parou naquela data. Espantado, encontrou ali o marco que dava início à sua derrocada. Depois da constatação, para todo o sempre adquiriu o hábito de falar sozinho, enquanto abanava a cabeça numa negativa obstinada: Como é que eu poderia ima-

ginar? Alguém seria capaz? Ah, mulheres, mulheres! Quem há de vaticinar qual dentre tantos e tão esdrúxulos fetiches atíca a mente fantasiosa de cada uma delas?!

Ruth, que não era bonita, mas se tornaria inatingível, ouviu o intrigante relato do primo, não com o ar de assombro-amedrontado das irmãs menores ou de franca dúvida ostentada por alguns dos adultos, inclusive seu pai. A menina permaneceu grave e tranqüila. Meio ausente talvez. Entretanto, um observador atento teria percebido a metamorfose: um tênue fio azul fosforescente foi o responsável pela transformação que gradativamente se operava no interior da mocinha.

Eufórico, visivelmente abalado, a fala entrecortada por uma emoção febril, Martim narrava para a pequena platéia a aventura que acabara de viver. Não se dirigia a ninguém em particular. Em alguns momentos, porém, seus olhos congestionados traíam a intenção de neutralidade, fixando-se na prima por um tempo mais longo que o dedicado aos outros ouvintes. Foi um relato rápido, meio truncado, feito por um adolescente tímido, dado a tiques nervosos, visivelmente perturbado. Desastradamente teatral. Mesmo assim conseguiu dar corpo ao personagem que se supunha fictício.

Final de tarde cinzento, embalado por uma chuvinha fina, monótona. Naquele momento a figura do Cavaleiro Azul, como um meteoro fulgurante, iluminou o ar esmaecido da cozinha do futuro sogro de Martim, paralisou por alguns segundos a fervura da sopa na panela, acendeu a chama inesgotável da fantasia feminina e para sempre chamuscou a imagem de um rapaz comum.

SEM JULGAMENTO

A loucura é viver no vazio dos outros,
numa ordem que ninguém compartilha.

Rosa Montero

Era um tipo inofensivo. Se não era, aparentava. Caladão, sorumbático sem ser sisudo, tinha um jeito desarticulado de desvendar o mundo; olhava assim de revés como quem vê e não vê. A diferença maior era o sestro de arreganhar o lado esquerdo do beijo superior como se tivesse sendo agredido por um cheiro de carniça, duro de suportar. Fora isso era comum. Chegou à fazenda do irmão pelas mãos do próprio. Naqueles dias, eu derrubava no cabo do machado – à machadadas, como dizia o patrão – uma mata espessa do outro lado do grotão.

Algumas vezes, a mando da cunhada, aquele homem de fino trato sujeitava-se à tarefa de me levar o almoço. Chegava de alpercatas, com a barra das calças enlameadas. Diferente do patrão, nunca usou botas ou botinas. Assim meio afobado, totalmente aluado, tropeçando nos calcanhares, ia logo procurando se a bóia ainda tava quente, qual o tamanho de minha fome. Era o jeito dele de pedir desculpas pela demora. Atormentado por um apetite voraz, eu comia sem tempo pra conversa. Ele ficava por ali, de cara pra cima, a boca aberta, os beijos arregaçados, son-

dando os raios de sol coados entre a copa das árvores. Não sei o que é que tanto via no céu. Um dia perguntou se eu já tinha reparado que uma única hora podia ser tingida por milhares de cores diferentes. E eu lá tinha tempo pra ficar com minhas butucas fincadas no céu avaliando mudanças? Acho que o sujeito era desses ligados em inutilidades desse tipo. Pelo menos era o que parecia. Uma única vez agiu diferente. Pegou o machado que eu tinha deixado ao pé de um cedro raçudo, guardado para depois da bóia. Levantou a ferramenta com determinação. Acreditei que fosse rachar algum toco, levar a lenha pro fogão. Mas não, parecia apenas medir o peso da ferramenta. Percebi que, mesmo com aquele aspecto franzino, o homem tinha força. Depois, como quem acarinha um objeto precioso, passou o dedo fino e liso pelo corte da ferramenta, contornando o projeto de alguns dentes. Guardei o fato, porque fiquei orgulhoso do interesse de um homem daqueles pela minha ferramenta, meu instrumento de trabalho, único bem que eu, um desvalido da sorte, possuía.

O homem nunca me enganou. Desde o princípio, soube tratar-se de mau elemento, daqueles cujo convívio só nos traz malefícios. Seu companheiro inseparável era um machado de boca larga, peso acima da média. Afiado, sempre. Na boca da noite, depois de um dia inteiro de labuta no pesado, ainda tinha disposição para pegar a pedra de amolar e recuperar a ferramenta até que o fio virasse uma lâmina fininha, quase transparente. Metia medo a devoção que o homem punha no trabalho de restauração da infalibilidade da ferramenta. Mais de uma vez, de uma

distância bem medida, eu pude admirar a facilidade da peça na penetração do cerne da árvore adulta, madeira dura feito pedra. Deslizava como se a madeira rústica, sadia não passasse de pau podre.

Ninguém conhecia a origem daquele homem, um desgarrado de família, sem eira nem beira, que chegara aqui rolando mundo; um foragido, sabe Deus com quantos crimes nas costas. Desconfiei da insistência dele em manter o machado amolado, bem cuidado. Descobri que o machado não ficava no galpão onde os outros peões guardavam suas ferramentas. Além disso, ele também não se misturava com os outros empregados. Dormia num quartinho separado, uma pocilga piolhenta, a cama desmontada, mas só sua. Tinha o hábito de manter porta e janela abertas enquanto dormia. O machado sempre ali, ao lado da cama, ao alcance da mão. Não era suspeito?

Nunca tive cisma a respeito do irmão do patrão. Sentia, isto sim, curiosidade de saber que espécie de carami-nholas habitavam aquela fronte franzida num silêncio fechado. Sei que não procede, um homem daqueles, nascido do lado bom da vida, mesmo assim, naquela noite dormi embalado por uma angústia disparatada, um sentimento idiota, sem cabimento. Mesmo reconhecendo a desnecessidade, eu sentia quase pena do irmão do patrão. O homem tinha a solidão entranhada na carne, um desajeitado pra risada solta, que desopila a alma. Quando muito um risinho chocho, na cara entristecida. Dormi com aquele vulto curvo, com os gestos indecisos do homem, seu olhar sempre fincado na distância; dormi com a sombra do irmão do

patrão andando agoniada pra lá e pra cá na varanda; dormi com aquela figura instigante ocupando meu pensamento, resvalando minhas pestanas. E uma comichão no peito. Mesmo assim dormi sono solto.

Fui acordado pelo horripilante uivo de um animal ferido. A noite ia alta e a lua, branca de susto, avançava pela janela. Entrava também o ouriço da cachorrada. Passado o susto, intuí que o grito tinha vazado das profundezas mais escondidas de meus abismos; algo muito grave tinha provocado a reação. Não sentia dor nem nada e, apesar do atordoamento que nebulava minha tentativa de compreensão, sentia um bem-estar novo, uma leveza incomum. Era tudo que eu sentia.

Vi quando ele se curvou sobre o colchão, apalpou com cuidado e depois colocou o ouvido na altura do coração daquele que eu não entendia quem pudesse ser, deitando no colchão que era meu. Nisso surgiram duas figuras assustadas, o roupão metido às pressas sobre a roupa de dormir: o patrão e a patroa. Já meio recuperado, mas sem entender nadinha do acontecido, caminhei com eles até a beira da cama. O patrão tapou a boca da mulher a tempo de aparar o berro, mas o vômito, um jato forte, escorreu entre a tremura dos dedos crispados do homem. Ficaram os dois ali atarantados, enquanto o irmão, no canto do quarto, olhava com aquele jeito próprio de olhar e não ver. Havia uma diferença: o sestro, antes espaçado, agora era um movimento contínuo, descontrolado.

Era visão dura de fixar. O sangue vivo ainda esborri-fava da cabeça aberta, mas os olhos mudos de espanto já tinham aquele ar parado, a inconfundível ausência dos defuntos declarados. Finalmente o patrão fez a caridade

de desentalar o machado. Demonstrou perícia no gesto, cuidado extremo; mesmo assim, uma boa parcela dos miolos veio agarrada à lâmina. A mulher soltou um gemido fundo, acompanhado de nova golfada de vômito. Lá fora, um galo cantou acelerando a necessidade de dar sumiço ao finado, antes que algum peão mais afoito se levantasse. Com todo jeito, levaram o irmão dali, trancando o homem à chave. Depois voltaram para cuidar do morto.

Ele, ou eu? Não sei. Um de nós dois foi enterrado em cova rasa, cavada às pressas, não sei dizer se com ou sem a costumeira recomendação da alma, porque, enquanto furavam a cova, a mulher destrambelhava uns sons tremelicados, uma ladainha baixa, ininteligível. Em cima do morto, à guisa de cruz ou de troféu, colocaram o machado. Jogaram a terra e disfarçaram como puderam a sepultura. Depois jogaram baldes e mais baldes de água na sangueira do quarto e espalharam sobre o chão molhado uns fiapos de palha do paiol. Deram sumiço aos poucos trapos que eu possuía, à botina desbeijada de solado gasto até o toco; sumiram com o espelho quadrado de moldura vermelha. Vasculharam o colchão em busca daquilo que mesmo numa fuga apressada ninguém deixa para trás. Encontraram uns trocados poucos, sobra da cachaça e das putas nos fins de semana; o patrão colocou o dinheiro na própria algibeira. Até o pente banguela foi jogado no mato. Ainda viraram e reviraram os cantos, decerto na busca de uma certidão, algum registro de cartório ou de igreja. Perda de tempo! E algum dia o governo soube de meu opaco existir? Nunca soube, nem quis saber. Sou um desnascido. A Deus não posso negar. Nem confirmar. A Ele nunca fui apresentado. O diabo sim, esse sei que existe e que dia e noite se ocupa

em assoprar no ouvido do caboclo todo tipo de torpeza. E o cabra obedece, querendo ou não. Depois de uma trabalhadeira danada, mas antes que o dia amanhecesse, não restava o mais ínfimo resquício de minha passagem, ou da passagem dele, por esse mundo de poucos.

Assim, meio sorumbático, meio desnortado, ainda desacostumado com minha nova condição de ser invisível, não sabendo que estrada tomar, fiquei por ali pensando no meu tempo de moleque desocupado, quando, agachado na beirada do açude, pegava uma pedra, atirava na água e ela tibum!, desaparecia sem deixar nenhuma cicatriz na pele lisinha da água.

No interior da casa os dois penitenciavam-se, lamentando a falta de coragem de internar o irmão no sanatório, conforme recomendação do doutor. Não condeno ninguém, não. Fosse parente meu, eu também tinha relutado.

UM SER INCOMPLETO

Quando não é possível fazer mais nada,
faço poesia. Agora é preciso também que
seja possível fazer poesia; porque às vezes/
nem mesmo isso é possível.

Ferreira Gullar

Caí de pára-quadras na praia deles. Pelada, despreparada. Não sei hoje a quantas ando, faz tempo que desisti de me saber, de saber a humanidade falida, desacreditada, fodida. Mas naquela época reconheço que eu era um ser imperfeito, ou melhor, eu nem era direito. Faltavam-me partes essenciais – aquelas que se constroem no vapor do sofrimento – como olhos para enxergar o outro, um ombro para emprestar, um coração complacente para entender, perdoar. Centrada no próprio umbigo, eu era nebulosa. Um poço de inconsistente como dizem que são os anjos, os deuses e os adolescentes. Monstruosidade e pureza oscilavam em mim.

A falta de maturidade constituía, portanto, o primeiro empecilho pra uma escolha consciente. O segundo, era a origem. Eu vinha de uma família de classe média, mais ou menos rica e metida a burguesa. Minha mãe chegava ao cúmulo de se gabar de um distante, nebuloso e mal explicado parentesco com a nobreza lusitana. Meu pai, acomo-

dado na função de fiscal da Receita Federal, dava a perceber que não aprovava os desatinos megalomaniacos da esposa, mas não tinha a energia necessária para combatê-los. Decidi que daria à minha vida um rumo diferente, não porque fosse melhor do que eles; nunca me aprofundei no assunto, mas desconfio que gente é tudo igual. Existem os privilegiados, uns gatos pingados que por razões diversas escaparam da obrigatoriedade de mostrar o eu verdadeiro, aquele que mantemos acorrentado em nosso porão interior. O que me levou a juntar-me a eles, hoje eu sei, não foi uma fé verdadeira na causa, vocação para o combate ou desejo de derrubar o regime militar. Foi apenas necessidade de desafiar, de agredir, de romper com o velho, que tanto incômodo causa aos jovens.

Conheci o Diogo durante o vestibular, minutos antes da prova de Português, eu, inscrita no curso de Letras, e ele, no de Direito. Minha memória é auditiva. Em casa todos sabiam de cor minhas lições. Eu vinha pelo corredor recitando uns versos de Drummond, de um Drummond terrivelmente cotidiano, quando ouvi às minhas costas as mesmas estrofes, porém completamente outras: menos triviais. Nada insossas. Parei. Fui olhando devagar. Confesso a decepção: a voz, de uma sonoridade encorpada, melodiosa, macia, não combinava com a angulosa fragilidade do dono. O sorriso, entre tímido e malicioso, foi a gota d'água. Gosta de Drummond? Não, nem um pouquinho, respondi com ar de importância. A aparência mirrada do estudante tinha frustrado minhas expectativas. E você? Percebi que ele, ao contrário, aprovava a figura que eu fazia: a cara lavada, o vestido sem graça, os sapatos pretos de sola-do grosso. Naquele tempo eu era obrigada a usar palmilha

do lado direito para corrigir um desvio na coluna. O vestido fora comprado pela Osmarina, nossa arrumadeira, num magazine da rua Quatro. Não gosto nem desgosto. Com a resposta veio a suspeita: subnutrido, mal-ajambrado. Pobre e inteligente. Um deles. Já sei, disse eufórica, seu preferido é um autor politicamente engajado, poeta oficial da UNE, Ferreira Gullar, acertei? Na verdade não tenho tido tempo para leitura, falou evasivo. Você é comunista?, perguntei à queima-roupa. Ele me olhou atônito.

Sei, reconheço minha insensatez, a burrice, o amorismo, mas fazer o quê, eu era assim. Depois riu um riso gutural, contido, e, olhando para os lados, desconversou numa voz tímida, mas nada vacilante. Comunista? Comunista, militante, revolucionário, você parece ser um deles. Pareço... Tenho certeza de que poucos aqui são o que demonstram ser. Além disso, em pleno regime militar ninguém é louco de andar por aí falando abertamente de suas convicções. Ostentava agora um meio-sorriso tão malicioso que comecei a detestá-lo mais do que estava odiando a mim mesma. Desnorteada, sem lugar para as mãos, resolvi encarar meu esperto interlocutor. Fiquei ainda mais encabulada. Misturada à insolência, o que vi nele foi pureza, uma inocência quase patética, impossível de escapar ao faro de uma mulher, mesmo jovem como eu era. Sim, naquele tempo éramos tão puros quanto o ser humano consegue ser. Emburrada e confusa, entrei para a prova, torcendo para nunca mais esbarrar com aquele ser ambíguo.

Aguardei o resultado do vestibular como o réu espera a sentença. E no momento fatal lá estava ele: magro, tímido, com suas calças desbotadas, a camisa rota e, na cara meio encovada, porém, bonita, agora eu tinha certe-

za, aquela calma segurança dos que se sabem inteligentes. Pensei que fosse explodir em faíscas de nervos. Eu tinha saído cedo de casa. Queria ir sozinha, sem ninguém da turma por perto, e agora ali estava a indesejável testemunha de meu fracasso na pior prova de minha vida. E aí, passou? Ainda não sei, e você? Também não sei. Vamos juntos então? Meu medo descambou para o pânico. Comecei a sentir cólicas menstruais fora do tempo. Estava claro que ele nem questionava seu ingresso na faculdade, enquanto que o meu, era a mais humilhante das incógnitas. Você primeiro. Não, você, falei histérica. Nenhum conhecia o nome do outro. Passei, ele anunciou sem emoção, sem estardalhaço. Fiz-me de forte e fixei os olhos no papel na parede, cheio de borrões, depois letras, nomes e sobrenomes de uns poucos privilegiados no oceano dos que aspiram o ingresso numa escola federal de ensino superior. Passei!!, ouvi meu grito exagerado.

Ao longo do primeiro ano da faculdade almocei e jantei duas vezes todos os dias. No restaurante universitário e depois em casa. Em seguida me trancava no banheiro e metia o dedo na garganta. Minha mãe se alarmava em conjeturas absurdas, falava de anorexia e sei lá mais o quê. Eu sabia que o restaurante universitário era o ponto ideal para encontrar os militantes. Preenchi a ficha de admissão com todo cuidado, trocando nosso endereço pelo de minha avó, diminuindo a renda familiar, exagerando no número de irmãos. Fui aceita. Ninguém da minha turma freqüentava o bandejão. Quanto ao Diogo, nem sempre aparecia. A comida era uma pasta saudável, supervisionada por nutricionistas, mas sem gosto, difícil de ser ingerida sem a ajuda de um bom papo, a possibilidade de uma paquera. Aos poucos os

horários do Diogo começaram a coincidir com os meus. No final da terceira semana éramos quatro. O Chumbo, estudante de Engenharia Civil, com seu mutismo constrangedor, sua cara cinzenta e séria como a de um monge em meditação, surgira do nada. Descobri bem mais tarde que era um dos cabeças do movimento anti-revolucionário. Foi o primeiro a desaparecer misteriosamente. Alguns dias depois apareceu a Vanda, com seu cabelo lambido, lábios finos, descorados, gestos bruscos, raciocínio rápido, língua ferina. Bem mais tarde a Evelin juntou-se a nós; tão meiga, tão doce e tão firme nas colocações, descobriríamos aos poucos. Quando não estavam calados, falavam por metáforas. Resolvi ser cautelosa também. Um dia falei o mais casual que consegui: Sabe, gente, eu gostaria de estudar o marxismo. Falei e fiquei aguardando a reação dos quatro. Vanda olhou-me desafiante: Por acreditar na doutrina, ou para fazer gênero apenas? Sua voz era suave, porém insolente. Mais uma burguesa fazendo pose de proletária, continuou sarcástica. Diogo interveio, conciliatório: Calma, Vanda, os melhores revolucionários vieram da burguesia. Renegaram as convicções familiares e juntaram-se aos trabalhadores. Resolvi desafiá-los: Pensei que aqui fosse encontrar universitários progressistas, mas começo a acreditar no discurso dos milicos, é verdade o que eles andam apregoando, eles acabaram mesmo com a raça dos que faziam oposição ao regime.

Aos poucos foram aparecendo no pátio da universidade. Solitários e casuais, aproximavam-se para bater um papo sobre temas ambíguos. Apareciam, desapareciam, reapareciam. A mesma cautela na fala, os mesmos gestos cordiais e evasivos. Agressivos, alguns deles. Eram membros da extinta UNE, que continuava existindo na clandestina

tinidade, diziam os estudantes em voz baixa. O grupo de estudos foi proposto pelo Chumbo. Grupo de estudos para estudar o quê, perguntei cautelosa. Marx, disse Chumbo distraidamente. O grupo, que não parava de crescer, foi a desculpa para os encontros clandestinos. As teorias de Marx nunca foram estudadas. Fosse pela urgência do momento ou pela pretensão do grupo, que se julgava pronto, interessava antes a ação que a teoria. Diogo considerava mal definida a estratégia que Marx teria proposto para alcançar a revolução que preconizara. Carecíamos de tempo para nos debruçarmos sobre seus discursos, artigos, cartas, analisar suas atividades políticas para, quem sabe, chegarmos à estratégia. Os debates poderiam ser longos e infrutíferos. Assim, falávamos aleatoriamente de política social, de lutas de classe, interrompidos muitas vezes pela necessidade de aprovar ou vetar alguma ação imediata. Vieram as convocações para passeatas e manifestações. A louca debandada com a polícia nos calcanhares, as balas de efeito moral, o gás lacrimogêneo, o esconderijo precário em becos escuros. O riso convulso e solto até às lágrimas, até o mijo escorrer, amolecendo as pernas. Depois o silêncio assustado, nossos corações na goela, batendo num ritmo só. Os olhos muito sérios de Diogo antes do abraço macio, protetor, do beijo meio desesperado. O desejo ia emergindo, selvagem, primitivo; indomado, rompia a carne, anulava o medo, qualquer resquício de prudência. Estrelas sorriam, complacentes. No beco armávamos nosso ninho. A abóbada era nosso teto, as paredes. Um canteiro de flores, o máximo de sofisticação. O universo, nosso aliado. O mundo, propriedade nossa. Falava-se em Frente Ampla contra o governo, em seqüestros e assalto a bancos para financiar

a guerrilha. Em luta armada. Camarada era a palavra que inflava nosso ânimo, insuflava-nos contra o regime. Meu coração batia forte pela luta. Batia mais acelerado ainda quando Diogo surgia sem aviso nenhum, chegando mais pálido, magro e sedento de mim, vindo de que lugar eu nunca sabia; por medida de segurança não devia saber. Caíamos nos braços um do outro rindo feito bobos, chupando as lágrimas, tentando mentir a emoção. Da criança ele nunca soube. Descobri a gravidez durante uma de suas ausências mais prolongadas. A Vanda e o Chumbo pensaram por mim, decidiram por nós dois; organizaram tudo. A clínica, uma porta estreita num prédio anônimo, clandestina como nossa luta. O médico, um açougueiro de unhas sujas, dentes amarelos de nicotina. Nem durante a intervenção parou de fumar. Consegui o dinheiro com mamãe com a desculpa de comprar vestidos, sapatos, bolsas. Ela aprovou feliz. Que já era tempo de eu voltar ao que era antes da faculdade, que agora eu mais parecia uma operária que universitária. Não cheguei a pegar em armas. Embrutecida como andava, teria chegado lá. Não me deram tempo, porém. O último encontro foi no quatinho da Évelin, na rua Quinze com a rua Vinte, apinhado naquele início de noite estremecido, alarmado pela notícia do Ato Institucional número 5. Colegas caíam nas garras da polícia. O Fulco chegara desarvorado, confirmando a captura do Sandro, elemento chave da militância. Parecia um fole soprando a ansiedade, tentando disfarçar o medo. Será que ele fala? Dizem que estão descendo o cassetete pra valer. Faltando apenas a Vanda, a mais pontual, a mais radical do grupo. Dez, vinte, trinta minutos de atraso. O ar saturado, viciado de fumaça e de ansiedade. Até eu, que

nunca tinha fumado, peguei o cigarro das mãos trêmulas do Diogo. Na porta surge a cara espantada da Vanda. Desculpem o atraso, gente, acontece que fui seguida. Seguida?! E está aqui? Ficou louca, Vanda? Acho que consegui despistá-los. Acha, sua anta, estamos fodidos, todo mundo fodido, só isso. Os papéis, grita alguém. Todo mundo mastigando e engolindo rápido. Queimar é melhor. Engasguei-me, o papel entalado na garganta. Diogo tenta me socorrer com murros nas minhas costas. O ar irrespirável fede a enxofre. De repente Diogo começa a tossir, os olhos esbugalhados, narinas dilatadas. Lívido, procura o ar; não encontra. Faça alguma coisa, gente, ele tá morrendo, grito histérica. A bomba na minha mochila, Diogo gagueja. BOMBA?! Prá ajudar na respiração, sua boba. É asmático e eu nem sabia. Na confusão perco a entrada espetacular da polícia. Entram truculentos, em ridículas posições de ataque, armados até os dentes. Todo mundo de cara pra parede, os braços na cabeça, pernas separadas, vociferam. Não havia parede para tanta gente. Sinto as mãos de um deles apalpando com volúpia meu corpo trêmulo de pavor; percebo a ira contorcendo os músculos de Diogo. Temo mais por ele do que por mim.

Quem é Susana Borges de Alencar? Eu sabia, tinha certeza de que a burguesinha seria solta. Se tiver um pingão de dignidade avise o comitê, convoque os estudantes, faça muito barulho. Foi a última vez que vi a Vanda. Enjaulada, desgrenhada, altiva e inquebrantável na fé, mesmo numa sala de delegacia. Da Evelin, pálida e encolhida, não tenho tanta certeza assim. Três meses ela passou em cana, depois foi deportada para o Chile, soube anos mais tarde.

Vinte nomes em troca de seu guerrilheirozinho de merda, Su. Que é isso, pai, eu não conheço tanta gente assim no movimento. E nem que conhecesse, não sou dedoduro. Foi o preço que eles puseram. Eu particularmente acho que seu namorado não vale é nada. Aos militares pouco importa que o rapaz apodreça na cadeia ou morra de tanta porrada. Quanto a mim, só estou me metendo, arriscando meu cargo, porque quero vê-la em segurança, longe daqui. Se você se recusa a ir sem ele, só me resta tomar as dores do rapazola. É melhor desembuchar logo esses nomes antes que seja tarde, que o pior aconteça. Posso negociar, tentar baixar o número, mas não garanto nada. Não sou dedoduro, pai.

Do fundo de minhas dúvidas, olho para Diogo, gerente de restaurante em Santo Antônio, seu rosto empapado de suor estrangeiro, deste calor úmido do Texas, que consegue ser mais inclemente do que o nosso. Quinze companheiros. Suas vidas, quem sabe, foi o preço que paguei pela liberdade do Diogo. Preço alto? Justo? Pra quem? Não posso afirmar que ele tenha concordado em vir comigo para o México, em abandonar os companheiros. Foi trazido, arrastado por mim, um semimorto, um monte de ossos trincados, um feixe de nervos abalados, um corpo vazio de energia, de pensamento, de vontade. Olho para mim mesma, professora de língua latina, baby-sitter ocasional. No meu colo crianças louras amoremam-se, os olhinhos ficam turvos, fundidos na escura melancolia dos meus. São os filhos latinos que não tive, que jamais terei, que perdi de ter graças às mãos podres de um açougueiro imundo. Penso na pátria distante no tempo, no espaço entregue à pró-

pria sorte. Em noticiários escandalosos vejo rostos de antigos companheiros, camaradas de antes, agora políticos de carreiras gordas, metidos em escusas negociatas. Apesar da gravidade, o que mais incomoda não é isso, não. O que mais dói é a ausência de uma crença verdadeira seja lá no que for.

VIDA DE GATO

Os homens sábios/ vagueando por entre os homens
simples,/ em silêncio se deixam envolver/ na teia
de seus hábitos./ Com o labor persistente da
formiga/ obstinada num vaivém constante,/ sem
nunca ver o fim do caminho,/vão escutando o
coração do mundo/ e sentem-no bater a todo o
instante.

Isabel Gouveia

Acorda. Pela única razão de ter dormido. Imóvel na penumbra, vai recompondo aos poucos, sem pressa, a realidade. Fodido é a primeira palavra que lhe vem arrastada. Um estranho dentro da própria carcaça. Sente o corpo forte, estranhamente inútil. Pelo vão da cortina, uma réstia de luz indiscreta espicha os olhos para dentro do quarto. Irônica, avisa que o dia vai longe. Irritado. Porra, que é que eu tenho com isso? Tanto faz que seja dia ou noite. Passeia os olhos pela pulsação da casa, um silêncio morno movendo-se ao som de vozes assombradas. Silêncio de velório, de túmulo, pensa, enquanto a chama de uma inquietação começa a latejar dentro de si. Aconteceu uma rachadura no tempo, um corte na vida. Uma fissura áspera entre o que foi e o que será. Estagnação. De repente tem a visão funesta de si mesmo, com o coração parado, o sangue estancado nas veias, em inércia total. Afugenta a visão trágica.

ca e começa a se mover com os gestos ressabiados de um ladrão em casa alheia. Surge, de um canto escuro, ele mesmo pouco mais que uma sombra peluda. Caminham juntos em direção à cozinha. O bicho enroscando-se nas pernas do homem, seus passos, em zig-zague, engolidos pelo vácuo surdo que lhes envolve os movimentos concomitantes. Nem sinal de mesa posta, de café da manhã, apenas louças sujas espalhadas pela pia, pela bancada da cozinha. Claro, quem punha a mesa era eu, antes de ir para o trabalho, sempre fui eu. A manhã acordando alvoroçada, todo mundo apressado, de olho no pulso do tempo. Não sente fome. Pega uma maçã e um tablete de cereais. Férias coletivas. Excesso de produção; falta de mercado. Porra, custava todo mundo andar de carro, hein? O lotação atrasa, moto é um perigo, bicicleta cobra energia. Férias coletivas. E o final pode bem ser um pontapé na bunda de todo mundo, quem garante que não? Se ao menos fumasse, pensa desanimado. Resolve tomar banho para ter a sensação de utilidade. Esfrega o pé direito, entre os dedos, o esquerdo com todo empenho; as costas com vigor, como se de sua higiene pessoal dependesse a salvação dos desempregados.

Está sentado. Parado. Ouvindo a própria respiração. Inútil. Nihilismo da vontade. Estou vivo e no momento é tudo que posso aspirar. Se ao menos fumasse, repete pela centésima vez, poderia ir até a esquina comprar cigarros e nunca mais voltar, deixar para trás essa realidade de merda. Liga a televisão. Alexandre Garcia entrevista um figurão qualquer, alguém que ele não conhece. Assunto: necessidade de expansão de mercado. O blablablá de sempre que não leva a nada. Aperta o botão de comando sem se interessar por nenhum programa. Desliga. A seus pés o gato

força uma intimidade, mordiscando de leve a ponta de seus dedos. É comovente o esforço do bicho para amortizar o vigor das mordidas. A comida do gato, onde mesmo? Continua sentado. As mãos desocupadas. A mente vazia como um computador sem a memória. Tem a nítida sensação de que o tempo dentro dele mudou de ritmo, que agora sua vida escoia com a lentidão de um rio lasso, estropiado de tanto percorrer lonjuras. Fodido, fodido, repete o silêncio. Preciso me fixar em alguma coisa.

A mudança dos ventos traz até ele o ronco, o chamado. Estala os dedos chamando o gato. Vamos dar um passeio, companheiro? Abre a porta e apesar de tudo tem consciência da brisa leve no rosto, ligeiramente salgada. Atravessa o jardim, abre o portão. Percebe, no animal enroscado em suas pernas, um leve movimento de recuo. Calma, companheiro, vou ajudá-lo a atravessar a rua. Pensando bem, será que é preciso? Você, um vadio declarado, dado a noitadas barulhentas, faras acordando a madrugada? Fala a verdade, camarada, nada de embromação, vai me dizer que nunca atravessou esta rua atrás do rabo macio de uma gata dengosa? Aposto que atravessou ruas, saltou muros, trepou em telhados; afrontou o perigo, seduzido pelo visgo da gata, tô enganado? É, camarada, a regra é geral, em tudo que é espécie o cheiro da fêmea destrambelha o juízo do macho, com a gente também é assim: só depois da besteira feita é que avaliamos o tamanho do estrago. O gato. Você é aquele que chegou de mansinho e foi ficando enroscado pelos cantos, nem nome mereceu. Mas você precisa de um nome, qualquer um tem o seu, mesmo os da ralé. Achei, Camumbembe é um bom nome para um gato vadio feito você. Camumbembe. Vadio. Raios que o partam, de onde me veio um tal nome, do inconsciente? A quem cabe

melhor o nome, a você ou a mim? O dedo da vizinhança, canhão enferrujado disparando maledicências: Olha lá o vizinho desocupado, dormindo de dia enquanto a mulher dá duro no trabalho. Vai ver foi despedido! Qual é, cara, cada um é juiz de si mesmo. Desconheço algoz mais obstinado que a própria consciência. Não importa de onde me veio o nome, companheiro, você terá o seu batismo formal. Presta atenção: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu te batizo, Camumbembe, com o sal das águas, sal da vida salgada. Sal do rosto do trabalhador. Sal do meu rosto.

Caminha apressado, o gato debaixo do braço. A tagarelice da rua acentua seu mutismo. Fodido, fodido, repetem seus passos. Uma ventania espessa fustiga seu rosto, lambelhe o corpo retesado. Percebe a raiva surda que o possui dissipando-se em nuvens diáfanas. Sente seu rosto vago, impreciso, irreal, boiando na multidão de rostos seguros, de contornos definidos, alguns até mesmo agressivos. Tem plena convicção de que toda aquela gente cumpre um objetivo, que caminha firme rumo a um destino certo, verdadeiro. Verdadeiro. Mas o que é verdadeiro no caos de mudanças que nos bombardeiam diariamente? A verdade é única, ou cada indivíduo fabrica a sua? O ser humano se deixa levar, vem escorregando tonto de uma verdade a outra, sem nada indagar, nada saber, compreender. E o mais trágico é que, se um dia der de cara com a verdade corre o risco de não reconhecê-la. Estou vivo e isso é o que importa no momento, repete como um refrão.

De repente estaca inebriado. Como é profundo e transparente! Agressivo quando se sente ameaçado. O mar!, diz com veneração, soltando o animal, que estranha a textura da areia, pisa de leve sua maciez, deixando atrás de si

patinhas trêmulas, amedrontadas. Cheira, apalpa e finalmente encontra utilidade para a imensidão branca e preguiçosa das areias, desertas naquela hora do dia. O mar, repete o homem em tom de prece, sentindo um alívio repentino. Os olhos abertos, engolidos pela imensidão das águas. Mal respira. Sossegado e mudo, brincando de apagar e acender lanternas de sol, o oceano, além das ondas, contempla com ternura de avô a angústia do homem parado na areia, seu semblante carregado de ira. Pés plantados, pernas separadas, a camisa aberta no peito, onde refulge uma medalhinha de Nossa Senhora das Dores, o queixo erguido em desafio; o homem é uma barreira firme contra o vento, que salga seus cabelos arrepiados, racha seus lábios, açoita-lhe a testa longa num início de calvície. Devagar vai caminhando até sentir na planta dos pés a carícia leve de uns restos de onda. Abaixa-se reverente. Molha a ponta do dedo indicador e, solene, faz na testa afogueada o sinal da cruz. As águas e seu poder de cura. Salvam muitas vezes, noutras, condenam. Caminha decidido; entra de roupa, de corpo inteiro numa superstição genuína, desafiando o mar. A água fresca acarinha-lhe o corpo dolorido de tanto repisar pensamentos escuros. Começa a nadar, dando braçadas vigorosas. Perfura ondas cada vez maiores. Bóia, buscando energia no intervalo entre uma rajada e outra. Nada até sentir os braços rijos de frio e cansaço. Se eu vencer a barreira das ondas, posso domar a dor que me solapa as entranhas, pensa, nadando ainda para mais longe, bem longe, indiferente às emboscadas do mar alto. Nada como se flagelasse o corpo, se batesse em si mesmo com um chicote de ponta afiada. Sente na boca, misturado ao sal, o gosto adocicado do sangue. O coração arquejando desem-

bestado. Os braços começam a tremer sem forças. Respira com dificuldade e vê que a onda que vem é gigantesca. Talvez seja melhor mergulhar e deixar que ela o carregue, mas não consegue mais controlar a respiração. Num esforço supremo, agita as pernas para se manter na superfície e, só por milagre, escapa da arrebentação. Logo logo começarei a ter câimbras, mas o que é uma câimbra diante da humilhação de um homem desocupado, fodido feito eu? Só sei trabalhar, só aprendi a trabalhar, grita para a imensidão do oceano, que bebe suas palavras e ainda lhe rosna ameaças veladas. E o impressionante não é mais a precariedade da situação que o transforma em forte candidato à morte. O absurdo é o grito de protesto que acaba de lhe escapar das entranhas ermas. Sente raiva do berro inútil, que vê como sinal de fraqueza. Embaixo dele, com a pressão de um útero gigante, o mar estica e encolhe. Sabe que dali a pouco será subjugado pelas ondas, que farão dele um obediente saco de ossos, pronto para ser esfregado na areia do fundo. Obcecado pela ânsia de vencer, não sente medo; depois, a calma indiferente dos suicidas.

Sente uma alegria quase infantil ao perceber ao longe a casa novamente habitada, luzes acesas, janelas abertas. Anda em passos largos, com o gato apertado contra o peito, o animal cheirando, estranhando o odor áspero do mar na roupa agora seca do homem, entranhado em sua pele, nos cabelos duros. Beijado por uma brisa leve, sente-se quase feliz. Verdade que é uma felicidade tenra demais para ser levada em consideração.

A mulher, na cozinha, preparando o jantar, as filhas fazendo a tarefa de casa, na sala. Pelo visto você resolveu

aproveitar bem suas férias, hein? Por onde andou o dia inteiro que não teve tempo nem de lavar a louça? Porra, por que ela não fala de sentimentos, não pergunta o que eu sinto aqui, hein? Não pergunta onde vou buscar argumentos fortes o bastante para afugentar a loucura que já começa a me rondar? Férias! Férias que não solicitei nem desejei! Será que estou errado? Não fumo, não bebo, não jogo, não uso drogas, não tenho amantes. Preciso de um vício, porra. Pega o pano de prato e começa a secar a louça numa fúria silenciosa, contabilizando: a partir de amanhã serão cinquenta e nove dias. Cinquenta e nove dias! Puta que o pariu!

Após o jantar de poucos talheres, raras palavras (a mulher e as filhas, irritantes, reclamando da falta de tempo), prepara-se para dormir.

ESGARAVATANDO FERIDAS

A vida é um incêndio: nela/ dançamos,
salamandras mágicas./ Que importa
restarem cinzas/ se a chama foi bela e
alta?/ Em meio aos toros que desabam,/
cantemos a canção das chamas!

Mario Quintana

A parada cardíaca do relógio. Na época achei normal. Cansou de cronometrar a mesmice da casa, foi o que pensei. Tremelicou agonizante e parou. Pobre relógio, era a primeira vez que acontecia. Lembro-me bem a data: quinze de novembro de mil novecentos e oitenta e nove. Chamei um técnico e ele remexeu no coração enferrujado da peça e disse ser irreversível.

Estou falando do cuco, aquele relógio que compramos juntos no antiquário de dona Mariquinha, o único da cidade naquele tempo. Os quatro segurando o riso, enquanto a velha dava explicações inúteis sobre a qualidade do relógio, sua idade aproximada e a procedência. Passando pela janela, a gente tinha gostado do relógio, pensando que ele ficaria bonitinho na parede de nossa sala desbotada. Jamais imaginamos tratar-se de uma relíquia alemã, antiqüíssima. Raspamos o fundo de nossas carteiras e ainda ficamos devendo três prestações. O relógio acabou ficando comigo, lembra, Canda? Nenhum de vocês teve co-

ragem de tirá-lo da parede. Guardávamos, quem sabe, uma superstição temerosa. Removendo-o, estaríamos anulando nossos momentos juntos, nossa história. Rodrigo e o relógio apagaram-se ao mesmo tempo, e eu, não sabendo de nada, chamando o técnico.

O Rodrigo morreu, Canda, e só ontem sua morte chegou pra mim. Apesar de tardia, chegou com a força de um torpedo, de um tsunami. Chegou levando tudo de roldão, solapando cavernas, esgaratando feridas mal cicatrizadas. Todo esse tempo vivo dentro de mim. Muito depois de ser cadáver, comida de verme. Uma árvore frondosa, talvez, do tamanho de sua generosidade. De repente aquela morte caiu-me nos braços e ali ficou como um filho indesejado. Nem choro cabia mais, seria ridículo. Embora meu coração batesse no peito como um sino destrambelhado, eu não sentia dor ou tristeza. A notícia chegou seca, mumificada. Levei aquela morte pra casa – morte só minha, indivisível – e tratei de escondê-la como pude nos vãos de minha morada. Soube pelo Otávio, não aquele do nosso tempo, mas um Otávio duplicado, o rosto, antes fino e alongado, agora uma lua inflada. Porém o mesmo sorriso amplo, meio debochado, que tanto cativava as mulheres. O hábito de deixar o cigarro queimando no cinzeiro é o mesminho daquele tempo. No bar do aeroporto o descuido não me irritou como antes. Você sabia, Canda, soube o tempo todo? Talvez até tenha ido ao velório. Talvez tenha chorado, se desesperado ou sentido na boca, quem sabe, o gosto podre da vingança barata. Agora que o Rodrigo está morto, posso contar a verdade que ele quis esclarecer e eu não deixei. De minha parte não existe mágoa, rancor. Apenas lembranças. Algumas queridas outras

não. Os quatro. Os papos-furados no boteco, regados a vodca com limão, nós três falando ao mesmo tempo, e o Rodrigo mudo, os olhos fixos no teto. Meus dedos comichavam de vontade de se entranharem em seus cabelos, alisar-lhe o topete alto. Deitá-lo no colo e aliviar seu rosto daquela expressão de menino magoado. Beijá-lo de leve na boca, acariciar seus olhos fixos, perplexos e cansados; agir com leveza como quem fizesse uma prece, uma benzedura.

Naquele dia Otávio ficou mais alto que de costume e de repente resolveu declarar em público nossos amores desencontrados, lembra, Canda? Aquele homenzarrão meio mole das pernas dizendo, em voz pastosa, pra quem quisesse ouvir: Vocês não acham, certo, que nós quatro, certo, estamos virando um balaio-de-gatos? Balaio-de-gatos? Como assim, Otávio? Olha, presta atenção, veja se não tenho razão, certo? A Tuta ama o Rodrigo que ama a Canda que talvez ame ou venha a amar o Otávio (por acaso eu) que ama a Tuta. Fiquei vermelha como uma pimenta (naquele tempo ainda era permitido). Eu tinha certeza que meu amor pelo Rodrigo era um segredo bem escondido. Mesmo estando meio altos, ou altos mesmo, ficamos constrangidos. Nós quatro sabíamos que era verdade. E verdade seja dita, Canda, você só começou a se interessar pelo Rodrigo depois da visita do pai dele, um fanfarrão consumista e internacionalizado, como ele mesmo se gabava. Aquele megalomaníaco intimidou nossa salinha mal decorada, livros espalhados pelo chão, papéis jogados ao acaso. O velho mal chegou e foi escancarando no ambiente encolhido tudo aquilo que o Rodrigo se empenhava em esconder: a monumental fortuna da família. As fazendas

de cacau na Bahia, as de gado no Pará, a casa de praia em Angra, avião particular. Todas as regalias dos milionários. Depois virou piada, mas no momento cumprimos nosso papel: fizemos sobranceiras de muitíssimo impressionados com o poderio do homem. Rodrigo, o mais tímido de nós, não cabia na poltrona estreita de vinil amarelo. Quando ousou levantar a cabeça foi para nos pedir desculpa com seus olhos meninos, largos e envergonhados. Mal ajustados na cadeira também, respondíamos meio sem jeito: Esquenta não, Rodrigo, pai não se escolhe, agüenta-se. E o velho, ocupado com a própria figura, falava sem parar: Te lembra, Drigo, daquele safári na África? Nós todos abismados, boquiabertos, descobrindo um novo Rodrigo, completamente desconhecido de nossa pobreza repentinamente envergonhada, os tostões contados para o cinema da semana, para a vodca no boteco aos sábados.

Aos shows, nem sempre dava pra ir, como aquele da Rita Lee, todos prontos, você fazendo gênero com o casaco longo, apesar do calor, botas, os cabelos escondidos em uma boina escura, tanta sombra nos olhos que parecia ter levado um murro ou, melhor, dois. Eu, com meu jeans boca-de-sino, cinto largo, o máximo de extravagância que me permitia. O Otávio, todo de preto, os cabelos arrepiados, num visual meio punk. Rodrigo era o de sempre. Somamos e vimos que a grana não dava. Quem nos salvou da fossa foi o Otávio, com aquele humor do gordo que ele viria a ser. A vantagem maior de termos o Otávio como amigo é que podíamos recuperar o humor mesmo nas piores dificuldades. Ficamos em casa bebendo nossa vodca barata e ouvindo *É proibido proibir* até rachar os ouvidos (nossos e dos vizinhos). Fumamos um baseado? É prová-

vel, estava na moda. Otávio, de peruca loura, minissaia e meia-calça branca, as pernas tortas, os pêlos escapando pela trama da meia, imitava os gestos bruscos, meio infelizes da roqueira. Nunca foi tão palhaço. Nem tão feio. Pois é, foi o novo Rodrigo, apresentado pelo pai, que te atraiu, Canda, a você e mais tarde a sua irmãzinha. A mim coube o silêncio, a renúncia, o bico calado. Não reclamo não, certa ou errada, foi opção minha. Rodrigo não me amava. E eu era pura demais para forçar um relacionamento. Ele estava deslumbrado com sua exuberância, o destemor, a risada solta, a crença na vida. Você era tudo aquilo que ele não podia ser. Enclausurei-me no silêncio, sabendo que tamanha diferença não daria certo. Depois do casamento de vocês, do apartamento num bairro melhor, como você fez questão, Otávio e eu ficávamos constrangidos na presença dos dois. Embora vocês insistissem na amizade, não era a mesma coisa. Você cada vez mais solta e o Rodrigo cada dia mais encolhido. Logo depois do casamento, sua irmã foi morar com vocês. Você ocupada em comprar móveis novos, tapetes, roupas adequadas à sua nova condição, mal tinha tempo pra faculdade. Otávio dizia, jocosamente: Ser rico dá um trabalho! E sua irmã, com aquele arzinho de menina desprotegida, pedindo a opinião do Rodrigo quanto a emprego, futuro, tomando conta da casa, cuidando dele, colocando cataplasmas na sua carência. Otávio e eu cada vez mais distantes de vocês. Preocupados. Dois anos assim, até o término da faculdade. Só então, mais desocupada, você começou a perceber o distanciamento do Rodrigo, desconfiou que ele tinha outra, desconfiou de mim, Canda. Planejou o fim de semana prolongado na chácara. Inventou a aula extra no curso de especialização que

você fazia. Disse que dormiria na cidade. O quarto de vocês ficava no fundo do corredor, do lado contrário ao da chegada. O meu, na frente da casa. Acordei com o farol do seu carro varrendo a vidraça de minha janela. Corri para avisar os dois, porque eu tinha certeza da presença dela no quarto de vocês. Esmurrei a porta, que demorou a ser aberta. Eu disse ao vulto de trás da cortina que corresse. Ela saltou a janela a tempo. Mas era tão forte o cheiro feminino no quarto, que a traição era óbvia apesar da ausência da mulher. Rodrigo tinha um ar tão assustado que resolvi tomar conta da situação. Atirei-o sobre a cama e comecei a beijá-lo. Ele não teve tempo de reagir antes de sua chegada. Os tiros, você sabe, foram se alojar na parede, depois de atravessarem o travesseiro. Um deles me atingiu de raspão. Hoje, olhando assim de longe, não sei se a atitude que tomei naquela noite foi para evitar uma tragédia em família, ou pela alegria selvagem e inconsciente de sentir a ira desfigurando seu rosto odiosamente bonito. Não sei. Rodrigo me procurou duas vezes antes da separação de vocês. Queria esclarecer tudo apesar de estarmos recebendo ameaças de sua irmã. Achei melhor mudar de endereço, desaparecer. Ontem eu aguardava no aeroporto a chegada do meu filho. Encontrei o Otávio por acaso. Ele me deu a notícia.

DE OLHO NO DIABO

O sucesso angustia, porque não é um objeto que você possa possuir nem trancar num cofre. De fato, o sucesso é um atributo do olhar dos outros...

Rosa Montero

Naquele dia resolvi tentar um novo método. Pode parecer meio apelativo, eu sei, mas o que, nesta vida, verdadeiramente faz sentido? Ia esgaravatar a inspiração no meio do povo. No começo pensei em povão mesmo, gentes de pele curtida, com cheiro de trabalho, de suor, de integridade. Num bar de rodoviária, talvez. Depois me lembrei de um detalhe: em ano de eleição, de tanto ser bajulado o povão perde a essência, vira material de barganha. E falso por falso já bastava eu. Pensando assim, optei pela classe do meio, aquela que segura as pontas: produz, paga em dia os impostos abusivos, às vezes descontados na fonte, socorre a empregada porque a previdência está em greve, e depois de tudo deduzido, mal sobram alguns trocados para a cervejinha no fim da tarde. No *Findatarde*, bem lembrado! Coloquei meu disfarce de escritor e rumei pra lá. É isso mesmo, desde que comecei a ser convidado para as rodas de escritores – por obra e graça de um livrinho merreca que escrevi uns tempos atrás, uma mistura com-

plicada de esoterismo com auto-ajuda, acrescida de algumas pinceladas de sexo – passei a usar uma capa verde-oliva, com a gola levantada atrás, que fede pra caramba, deixei a barba crescer, parafusei na cara um ar de filósofo decaído, além, é claro, de espalhar aos quatro ventos que sou da esquerda radical. Ah! ia me esquecendo de dizer que também passei a fumar um cigarro atrás do outro, guardando as guimbas nos bolsos da capa. Cômico, não nego, mas por incrível que pareça comecei a ser respeitado.

Como a tarde ia apenas pelo meio, pude escolher. Localizei, na área de fumantes, uma mesa de canto, próxima à janela, com ampla visão tanto para a rua quanto para dentro do pub. Não estava escuro, mas alguém, não sei onde, acionou um interruptor e a casa virou uma vitrine de Natal. Acendi o primeiro cigarro, dei uma bafurada sonora, fiz cara de sabichão e olhei em volta. O intrigante é que a fumaça do meu cigarro, toda ela, não apenas uma parte dela, percebi, seguia em linha reta como se traçasse um caminho. Depois parou duas mesas à frente da minha. E ali estava ele esparramado numa cadeira larga, bebericando sabe-se lá o quê. Tinha uma aparência gasta, reparei curioso, mas não era exatamente velho. A boca meio frouxa, com inclinação nos cantos, bem diferente do que era de se supor. Com resvalos para o sarcástico, uma ironia fina se insinuando nos gestos, ele me olhava do fundo de seus olhos de radiografia, olhos de cobra atraindo sapo, sabe como é? E cara, doía fundo a consciência de que ele me sabia inteiro. Tudo isso eu captei num segundo.

Um garçom em uniforme vermelho me oferece uma bebida pra lá de suspeita, cheirando ligeiramente a enxo-

fre. Recuso. Ignorando minha negativa, o garçom coloca a bebida sobre a mesa.

Da poltrona folgada o diabo ergue sua taça num gesto de confraternização, dizendo tintim. Não levanto o copo nem bebo do líquido duvidoso. O diabo ri de minha covardia, e aquele risinho cafajeste me dá nos nervos. O melhor é ignorar sua presença absurda, decido.

Com ares de determinação, pego meu laptop, afastado com desdém a taça e começo a trabalhar. Não com o entusiasmo que minha urgência requer. O toque de meus dedos no teclado soa chocho, indeciso. Escrevo algumas frases desconexas. Deleto. Tento de novo. No copo, a bebida forma bolhas que se arrebentam fazendo pof, pof. O demônio, percebo com o rabo dos olhos, torna a erguer com gesto teatral a taça de sabe-se lá o quê e bebe um gole generoso, estalando a língua. Não, eu não vou permitir que a tentação se intrometa na minha história. Estou envolvido demais com a trama para permitir uma safadeza dessa. Abaixo a cabeça e ataco o teclado.

Pedro abre a gaveta dos remédios. De seus remédios, não dela. Vai separando: antidepressivo, relaxante muscular, indutor do sono, efervescente para o estômago, que anda uma merda. Fala para si mesmo: Hoje eu dou um basta nisso. Paro de me iludir, de esperar por uma solução impossível. São duas as saídas e pronto: interná-la numa clínica antes que pire de vez ou simplesmente abrir a porta dos fundos e cascar fora. Dar no pé, que o mundo é vasto.

Nenhuma das soluções lhe parece justa, razoável. Há dois anos vem suportando a tirania de Vik. Primeiro os

amigos. Falavam alto demais, não tinham hora para chegar nem sair, dizia ela. Depois foi a televisão. O plim-plim nos intervalos dos programas atrapalhava seu sono leve. Em terceiro lugar veio a música; implicou com as mudanças de acordes. Ele foi cedendo. Encolhendo os gestos, medindo cada pisada, segurando a tosse, o espirro, abrindo mão da liberdade em favor do sono leve da namorada. O toque do telefone era um sobressalto; atendia apressado, com a voz velada. Do outro lado da linha, os amigos perguntavam que que foi, cara, te assustei? Até a descarga era proibida. A merda ficava horas dando voltinhas no vaso, esperando o despertar da Bela. Foi ficando nervoso, irritadiço. Já não sabia quem era mais neurótico, se ela ou ele.

Assim, na impiedade da luz crua de uma tarde comum, num bar freqüentado por gente bem normal, que nem se atreve a uma picadinha em público, a figura exótica do diabo não faz o menor sentido.

Em que posso ajudá-lo?, o demônio me pergunta de supetão. Imediatamente, uma jovem com ares de secretária eficaz (saia justíssima, cabelos oxigenados) se aproxima solícita. Segura nas mãos uma pasta recheada de papéis. Contratos, decerto. O diabo vasculha os bolsos desbeijados de seu sobretudo preto e acaba encontrando uma agulha enferrujada e um potinho de vidro. Localiza uma veia saliente no dorso da mão. Num ruído áspero, mete a agulha na veia. Faço uma careta de repulsa enquanto ele enche o pote com seu sangue, que de tão escuro parece tinta. Pega uma caneta de pena de urubu e me olha, aguardando a resposta. Fala com voz sedutora: Pode ser um contrato provisório, digamos por dois anos, tempo suficiente

pra você estourar no mercado, ser traduzido para meia dúzia de línguas ou mais.

Pretendo renegá-lo em alto e bom tom, mas o que me sai da garganta é pouco mais que um grunhido; uma voz estranha, meio esganiçada, voz de colegial na frente do diretor: Agradeço seu interesse por mim..., senhor, mas não preciso de nada, não. O demônio sorri aquele irritante sorriso de meia boca e diz, dando de ombros: Se é assim, bom trabalho. Inspiração é o que não lhe falta, não é mesmo? Mas... cuidado com a concorrência. Tenho vários de vocês aqui, ó, na palma de minha mão.

Fico tão puto da vida que não fosse ele quem é tinha achatado com um murro seu gogó proeminente.

Meu celular toca. Nem preciso olhar para saber que é da editora. Desligo o aparelho sem atender. Sei que tô atrasado, que tenho um contrato a cumprir, que a data do lançamento tá próxima, que por falta de assunto os jornais não falam de outra coisa, mas o romance emperrou, pombas!

Uma curiosidade enxerida começa a me rondar: Será que aquele de cavanhaque, roupa preta, pose de guru dos anos setenta, fez o pacto, assinou a papelada? Não, melhor não puxar prosa, criar intimidade.

Bipolar, diagnosticaram os médicos. Não tem cura. Mas nada que uma dupla de psiquiatra e psicólogo não possa controlar. Mas Vik recusa qualquer tratamento. Se entope de soníferos comprados por conta própria em qualquer farmácia. E eu me transformei no guardião do sono da Bela

Adormecida, como meus amigos se referem a ela. Fico puto da vida embora saiba que eles estão cobertos de razão. Durmo mal, seus passos escuros pela casa pisando meu sono inquieto. Acordo cedo, antes dela. Com olhos experientes, vou desmanchando em cada cômodo os vestígios absurdos dos desatinos noturnos de Vik: garrafas de vinho pela metade, copos de chá, cinzeiros abarrotados, móveis fora do lugar. A cada manhã juro a mim mesmo que aquele será meu último dia de servidão. Mas tudo se revela inútil quando a Bela se levanta com os olhos nadando em olheiras, o corpo frágil dançando no roupão felpudo. Chega sempre de mansinho e como uma gata se enrosca no meu colo. Seu jeito dengoso acende meu desejo. Não sei se é tara ou se padecemos da mesma loucura. Então só penso num meio de não perdê-la nunca. Esgaravato miudezas para distrair seu dia, brincadeiras para desviá-la de suas tristezas. Finjo uma animação que estou longe de sentir. Invento passeios pelos parques, teço planos de filhos que não teremos, uma casinha na praia. Antes de sair para o trabalho, combino um almoço romântico numa taberna escondida.

Em dado momento percebo que o repentino assédio do diabo começa a inflar meu ego arranhado. Pensando bem, chego à conclusão de que há naquela abordagem uma certa legitimidade. Quem dentre todas as criaturas está mais próxima de Deus, principal opositor aos planos do demo, senão o escritor? Não é de conhecimento do público que o escritor é onipotente, que tem poderes de vida e morte sobre sua cria? Um tal poder não é divino? Assim, sendo eu um quase-deus, é natural que o diabo venha me

aporrinhar. Mas se Deus me franqueou tamanha autonomia, por que compactuar com o concorrente? É o vício, responde o demônio zombeteiro, poder nunca é demais, venha ele de onde vier.

Não, não vou me submeter à chantagenzinha barata de uma personagem desgastada como o diabo. Sou autônomo dentro de minha obra. Gozo de plena liberdade de ação: posso muito bem inventar uma cura para Vik. Tanto tempo de convivência, não tenho coragem de interná-la num hospício (mesmo porque nem sei se eles ainda existem), ou simplesmente despachar seu namorado, deixando a Bela entregue à própria sorte. Além disso, banalizar um amor tão bonito em tempo de escassez do produto, cafajestar um indivíduo bom caráter feito aquele não me parece boa saída. Mas e o realismo cru da literatura moderna, onde fica?, pode perguntar o leitor exigente. E se me pega a pecha de retrógrado? Não consigo me decidir.

Os amigos começam a chegar. Entram falando alto, me dando tapinhas nas costas. Fazem a pergunta que não agüento mais ouvir: Aí, grande escritor, pra quando o próximo livro? Engulo a tempo a resposta (só o diabo sabe). Pedem chope. E uísque aqui pro escritor, dose dupla pra manter irrigada a inspiração, artista sem álcool não é artista, berra um deles para o garçom. E pra beliscar?, alguém pergunta. Camarão ao bafo, com bastante ALHO, respondo acentuando a palavra.

Só vejo o diabo saindo de fininho.

Lá pela meia noite, somos todos iguais: cidadãos comuns atolados em dívidas, no maior porre. Eu, sem a capa verde-oliva, com a cara que Deus me deu, completamente esquecido de livros, da merda dos editores. Então aconte-

ce, chega sem aviso, com a força de um torpedo. A solução está ali, oh, bem nas minhas fuças. Levanto de um salto. Esmurro a mesa e berro: Eureka! Chegou a bruta! Ela voltou! Voltou, gente! Tchau pra quem fica!

Na rua mal toco o chão, os braços erguidos, envolvendo a cabeça, resguardando cada palavra. Ufa, desta vez escapei do diabo, mas foi por pouco, muito pouco!

EXALTAÇÃO

Matéria, assim, líquida./ Carne do vento no
grão de areia:/ meio asa, meio voz,/ quase
um cheiro orvalhado de curvas.

Wesley Godoy Peres

Não sei explicar meu gesto. Premonição? De repente, sem tirar os olhos do espetáculo que me zonzava a mente, coloquei meu polegar esquerdo sobre o pulso direito e comecei a contar meus batimentos cardíacos. Então, dominada por uma energia descomunal, exaltei a vida que pulsava em mim. Foi, portanto, com os olhos alagados de beleza, um sorriso trêmulo na cara espantada, que me entreguei ao fenômeno cujo nome desconhecia. Não me sentia diminuída, pequena diante da magnitude do espetáculo que a natureza, mãe pródiga, me oferecia. Eu era o que era: um ser humano face a face com um fenômeno natural, gigantesco e pouco freqüente. Bem, talvez eu esteja minimizando, talvez na hora agá, no vis-a-vis com o perigo, o riso tenha descarrilado para uma careta horrenda. Não sei.

Muito foi falado depois. Falaram em placas tectônicas. Em forças geológicas. Finalmente o fenômeno, que redundaria em monumental tragédia e que, visto de perto, portava uma beleza estonteante, acabou, após muito

estardalhaço, reduzido a uma palavra, um nome estranho: tsunami. Falaram também em placas se chocando, uma se deslizando para baixo da outra. Brincadeira de esconde-esconde no fundo do mar. Brincadeira. E continuaram simplificando: o terremoto nada mais é do que a liberação brusca de energia em uma zona de contato entre duas placas.

Mas naquele domingo de sol escancarado, ali nas praias da Indonésia, nenhum turista em perfeito juízo pensava em outra coisa senão em diversão. A cena espetacular da chegada da onda gigante pouco foi vista. Não fui advertida do perigo que o recuo da água na praia representa. Com passos seguros continuei a caminhada na busca de água que pudesse me refrescar a pele sedenta. Em questão de segundos eu seria tragada pela goela faminta da onda, minhas pegadas frescas apagadas para sempre.

Depois de muito embate, fui devolvida à terra. À minha volta, numa balbúrdia de escombros, cadáveres, alguns reduzidos a montículos de morte, aguardavam por reconhecimento. Impressionante era o número de feridos. Primeiro, quedaram pasmos. Depois de alguns segundos de silêncio, gemidos e lamentações se elevaram como um canto fúnebre, um réquiem aos mortos. Crianças perdidas, banhadas de sangue, perambulavam em estado de choque, chupando o dedo, pés miúdos afundados na mistura de argamassa com matéria orgânica. Um bebê berrava tentando sugar o peito morto da mãe. Ainda tonta com a tragédia, comecei a circular à procura de meus pais franceses. Entre tantos turistas de olhos azuis saltando das órbitas, gritando por socorro num emaranhado babelesco de línguas, ninguém se preocupava com uma garota de pele es-

cura, seminua, cabelos desgrenhados. Assim, deambulei livre, subindo e descendo montanhas de ferros retorcidos, entulho de toda ordem, enquanto pensava no fado de cada um. Meus pais franceses são céticos. Minha origem latina, entretanto, me dá ingresso ao fatalismo. Neste verão não fomos ao Brasil ao encontro com minha mãe biológica, porque meus pais acovardaram-se diante da profusão de notícias sobre a violência nos morros cariocas. Agora, ali estávamos nós num campo de cadáveres à procura de nossos restos. Percebi impotente que aves de rapina começavam a rondar por ali.

Menos conturbada, voltei ao local de onde tinha partido. A adolescente de pele escura, olhos esbugalhados, continuava perscrutando o teto do mundo na busca calada de uma explicação. Apalpei-lhe o pulso. Depois, com toda cautela, guardei o espanto de seus olhos sonhadores, enquanto derramava sobre ela um olhar saturado de carinho; ajeitei como pude, sobre suas formas suaves, o maiô reduzido a trapos. Não consegui me safar do sentimento de perda de pequenas ilusões, projetos desperdiçados.

Onde antes brotavam hotéis de luxo, agora nascia uma escada gigantesca, que parecia alcançar o infinito. Iniciei a subida. Uns poucos antecediavam meus passos. Depois, criando coragem, voei. Alguns pássaros de asas brancas aparavam a imperícia de meu vôo. Eu olhava em todas as direções, procurando o reino mais poderoso do universo. Imaginava algo assim como o Vaticano, mil vezes multiplicado. Para distrair a perturbação de meu espírito, seguia fantasiando, imaginando a pompa na subida da rampa de acesso à fortaleza, a beleza dos querubins escolhidos a dedo, a imensidão do palácio, a magnitude do trono Real.

Ele, eu O via como o mais belo, o mais poderoso Homem de todos os tempos. Mas tudo que minha vista alcançava era o azul sem fronteiras. Desandei também a pensar absurdos, coisas sem nexos como a possibilidade de nossos vizinhos virem a criar aves na varanda gelada de seus apartamentos em Paris, avestruzes, mais precisamente.

Já estava exausta de vagar infinitos quando ouvi o chamado Dele. Uma voz sonora, mas firme. Finalmente os olhos de minha alma distinguiram Sua imagem meio camuflada na diafanidade de uma nuvem afastada. Estranhei a ausência de seguranças, do exército de anjos; de, no mínimo, um pequeno destacamento de bajuladores. Não havia aparato palaciano: guarda-costas, secretários, secretárias louras, lobistas, despropósito de luz, excesso de brilho, estridência de trombetas. Nada de manto dourado, coroa de ofuscantes pedras preciosas. Nada. Apenas um Homem. Um Homem comum, talvez, cujo sorriso imaculado purificava minha chegada. Negro como eu.

O espetáculo de horror que ainda sangrava em minhas retinas era exibido numa tela gigantesca. Fiquei furiosa. Meu ímpeto foi de cobrança. Como é que Ele, podendo tudo, tinha permitido uma catástrofe daquelas dimensões? Não vivem apregoando que nem um fio de cabelo de nossas cabeças cai sem Sua permissão? Mas antes que fizesse a besteira, minha revolta foi se aplacando em dúvidas. Por trás de Seu sorriso calmo, bondoso, havia o trágico cansaço da eternidade, da imutabilidade; uma descrença que dava dó, pude notar. Quando perguntei, percebi alarmada uma quase brandura na minha voz: Como Você, o Todo-Poderoso, foi capaz de permitir isso? O Mestre varreu o horizonte de Sua infinita solidão sem dizer palavra. Seus

olhos pestanudos nadavam em lágrimas. Uma chuvinha salgada começou a melar nossas carapinhas. Não entendi foi nada, mas já éramos amigos.

PIN-UP

As mulheres e as crianças são as primeiras que desistem de afundar navios.

Ana Cristina César

Meio deslocada, ela procura disfarçar o nervosismo, acomodar na placidez da cidadela sua figura áspera, os modos arredios, a desconfiança de quem sempre precisou se defender de trombadinhas nas ruas e de assaltantes armados no semáforo. Atenta, analisa cada um dos raros transeuntes, tentando vestir a pele deles, ver a si mesma na condição de moradora do lugar. Sua presença não parece incomodar. Pelo contrário, olham-na com aqueles olhos apagados, meio sorridentes, um ligeiro ar de complacência diante de sua postura inquisitiva, achando graça dela controlar tudo, trazer a bolsa apertada contra o corpo, o suéter firmemente amarrado na cintura. Alguns homens até exageram na benevolência. Mas ela detecta na aparente aceitação faros atentos à diferença. Não nasci aqui, não pertenço ao lugar. Trago na bagagem enegrecida poluentes que mancham a pureza de suas convicções; sou eu o elemento estranho, aquele que fere o universo estético deles (tão bem arrumadinho!), desorganiza a harmonia de uma cidade serena, livre da violência. Na saída, não fui esperta

o suficiente para despistar a inconveniência de tantos caroneiros. Comigo vieram o menino de rua, o adolescente traficante, o viciado, o mendigo da ponte, o ladrão, o político safado. Trago na pele o cheiro da pólvora; colado ao tênis, o sangue de jovens assassinados nos becos surdos das madrugadas.

Sim, eles sabem que sou eu a maçã podre no balaio, a terceira margem do rio, a retina ferida que não pára de sangrar. Tudo bem, dizem seus olhos de falsa tolerância, desde que a peste não se espalhe, que nos deixe fora de suas visões sombrias, do acerto de contas com quem, exatamente, nem você sabe.

Num início de aprendizado, freia os passos ágeis, ajustando-os à falta de pressa do lugar. Estava ali para isso, para se reinventar. Encontrar a harmonia perdida que afirmam existir entre o homem e a natureza. Escolher a casa onde viver com o marido após o casamento dali a um mês e, com ofício, mas sem profissão formal, e principalmente, sem vestígios de culpa, criar os filhos que Deus lhes desse. Três ou quatro, um número absurdo para sua geração perdulária com os bens materiais, mas econômica no que se refere à prole. Os amigos da capital, padrinhos da cerimônia, muitos deles pasmam em assombro quando o casal fala do plano comum de viver no interior, rodeado de filhos, fazendo a própria comida, podando a grama do jardim. Trabalhando a terra com as próprias mãos. E, apaziguados com o desjuízo de um mundo incoerente, assistindo de mãos dadas o nascer e o pôr-do-sol, uno a cada dia. Não faltam risinhos debochados: Qual é, cara, loucura tem limite. Tédio. Sabe o que é tédio? Pois é isso que espera por vocês no cafundó do mundo, pra onde estão indo. Falam

em falta de visão, em retrocesso. Andar na contramão do tempo? Corta essa, meu. Eu gosto é do veneno das ruas, do cheiro do escapamento. Gosto de desafiar em cada esquina o berro da noite assustada. Quem gosta de matar o bicho. Até os índios deixaram de gostar faz tempo.

Na imobiliária um atendente solitário escarafuncha meleca no nariz, esperando pela hora do almoço. Mal vê a moça e já vai lhe entregando as chaves do único imóvel disponível. Diz que ela pode ficar à vontade para abrir a casa. O patrão está indo pra lá. Ela pondera que a moradia está acima de suas necessidades. Queria uma casa térrea, com dois ou três quartos no máximo, um jardim pequeno coberto de margaridas. O rapaz ri, uma risadinha meio debochada: Só se for no bairro popular, invenção dos políticos para ganhar votos, mas ali ninguém aluga casa, não, senhora. E a que vocês estão oferecendo, onde fica? Logo ali na frente, ao pé da colina. É só atravessar a praça e seguir em frente pela avenida toda vida. Se a senhora quiser pode ir a pé. A pé? Não se anima, contida pelo brilho de um sol tão escancarado, que fere suas retinas. O ar, entretanto, é de extrema leveza; pessoas caminham lépidas pelas ruas ensolaradas. Ser feliz parece ocupação única daquela gente. Onde eu posso alugar uma bicicleta? Aqui? Aqui não tem essas coisas não, dona.

Pára, indecisa, em frente ao casarão, bem diferente da casinha que os dois vinham planejando desde o início do namoro. O que lhe surge é uma construção antiga, cujo estilo não sabe precisar, meio abandonada, sólida, com portas e janelas azuis, paredes revestidas de azulejo portugueses. Batentes de madeira trabalhada. No jardim, um chariz meio engasgado vomita um jatinho chocho de água

amarelada de ferrugem. Entre moitas de grama mal aparada, passeiam gordas lagartixas. Sente calafrios imaginando sapos escondidos nas pedras que delimitam os canteiros de flores emaranhadas. A casa bucólica parece saída das páginas de uma revista de decoração, com a legenda: *Antes da reforma*. Com a grana que ela e o noivo não possuem, a casa certamente ficaria belíssima, na página seguinte, com: *Depois da reforma*. Bem no centro, logo acima do portal, uma placa com a data da construção: 1762. Abre o portão descascado, que range uma cantilena enferrujada. Em passo marcial, fingindo uma segurança que está longe de possuir, caminha até a porta de madeira entalhada.

Absorta diante do retrato, em tamanho natural, mais intui do que vê a chegada do rapaz. Adorno único daquele nunca acabar de paredes nuas da casa vazia, o retrato meio que desnorteia quem chega sem aviso. Vestida a rigor, ombros nus, um par de peitos atrevidos generosamente apresentados pelo decote, a moça é uma incógnita em todos os sentidos. Não tem perfeição de traços; talvez seja meio rechonchuda para os rígidos padrões destes nossos tempos de mulheres anoréxicas, mas, no conjunto, agrada. É estranhamente familiar. Volta o rosto dando de cara com o proprietário da imobiliária. Sente uma ligeira tontura diante do desconhecido, que lhe parece íntimo. Perturbado, ele indaga: Algum problema, senhorita? Não, nenhum. Talvez eu esteja com sede ou fome. Não almocei ainda. Tem uma lanchonete logo ali, podemos ir até lá. Não, não, tem tempo. Vi que a senhorita admirava o retrato, é uma verdadeira obra de arte, não? Com certeza, mas por que continua na parede se a casa está para ser alugada? Bem, disso a

gente fala depois, se você se interessar pelo imóvel. Os dois caminham em direção ao quadro. Embaixo, a assinatura ilegível do retratista e o nome meio apagado da pessoa que posou: Baronesa Tessa. Assombrada, ela fita o dono do imóvel, percebendo nele também um ar de perplexidade: Tessa? Brincadeira, esse é meu nome. Eu sei, Tessa, ele repete baixinho, o nome aninhando em sua boca, numa carícia espontânea. Quer ver o resto da casa? Não antes de você me contar a história do retrato. Do retrato? Sim, dele mesmo! Bem, estou nesta cidade há pouco mais de um ano. Vim da capital depois de perder a conta das vezes que fui assaltado. Na última agressão levei um tiro na orelha. Tiro na orelha?, ela fala sem disfarçar o riso, já soube de muita gente atirada, mas na orelha? Desculpe se achei engraçado. Engraçado? Não vejo graça nenhuma, responde ele desapontado. Além do buraco, olha aqui, ainda fiquei meio surdo deste lado. Ela nota um ligeiro tique nervoso tremelicando o olho esquerdo do rapaz. Tá bom, você tem razão, é trágico, não tive intenção de ofendê-lo. E foi por causa do tiro na orelha que você escolheu este lugar para viver? Foi. Sei, eu também perdi a conta das agressões que sofri; tô fugindo da capital, correndo da violência. Quando cheguei aqui, com a orelha ainda ferida, a casa já estava vazia, mas era grande demais pra um homem só. Me interessei por ela, não sei bem porquê, o jeito bucólico da casa, bem diferente dos sala e quarto onde tenho vivido; comprei. Devagar fui sabendo da lenda, ou seja lá o que for; é meio ridículo pra quem acaba de chegar, como é o seu caso. Ridículo ou não, quero saber. Bem, dizem que o retrato só sai da parede em circunstâncias especiais. Como assim? Pelas mãos da moça aí retratada. Reencarnada, é claro. Eu

não acredito em reencarnação, mas pra quem crê é uma história de amor, de encontros e desencontros. Não pense que estou inventando, juro que não. Dizem que, depois de muitas gerações juntos, houve um descompasso entre a moça aí do retrato e um certo rapaz que ninguém sabe por onde anda. Segundo a lenda, os dois foram separados pelo pai dela, um figurão preconceituoso. Por um erro de cálculo de quem determina quem deve ficar com quem, no último nascimento o moço, coitado, teve o azar de pertencer a uma classe inferior à dela. O pai encrencou, bateu o martelo e os dois... bem, os dois acabaram se matando juntos. Romeu e Julieta?, sem essa, é muito novela das oito! Quer saber, a casa é grande, velha demais, não tem nada a ver com o que meu noivo e eu estamos procurando. Eu avisei que a história era fantástica, meio sem sentido, você quis ouvir... Tá bom, vamos ao fim do melodrama. Bem, o que afirmam é que um dia, ninguém sabe quando, os dois apaixonados vão se encontrar aqui, assim como estamos agora, e, juntos, vão retirar o retrato da parede; essa será a prova, digamos assim, da autenticidade do casal. Casais de namorados pedem a chave pra fazer o teste, eu acho graça, mas dou. Até agora ninguém passou na prova, nem deixou de se casar por isso. Não! Não, pra mim basta. Velhacaria tem em qualquer periferia do mundo, não é mesmo? Vigalice barata! A pintura deve ter passado por um bom envelhecimento, não? Dizem que não. Eu nunca mandei avaliar. Você fez o teste com sua noiva? Nem vou responder. Se você pensa em me embromar com essa história melosa, pra subir o preço do aluguel, perde seu tempo. Longe de mim, Tessa, sou tão cético quanto você. O povo do lugar acredita, problema deles. Cheguei aqui ainda abalado com

o tiro na... não vou repetir onde, gostei da casa, comprei. Quando fui tirar o quadro da parede, não consegui. Pedi ajuda ao encanador que fazia uns reparos nos canos. Ele me olhou de um jeito esquisito, pegou suas ferramentas e escafedeu-se, todo afobado. Não voltou nem pra receber o serviço. Aí me contaram a confusão toda. E você acreditou? Não acredito nem deixo de acreditar, mesmo porque o quadro enfeita a parede, você não acha? Se eu pudesse, juro, levava o retrato pra minha casa. Por alguma razão ele me atrai, emociona, sei lá, mas minha noiva, quando esteve aqui, abominou a obra, ela detesta velharias, é muito prática, objetiva. Meio americanizada, sabe como é? Além disso ele se recusa a sair da parede, que é que eu vou fazer? O quadro se recusa? É ridículo. Bem, vamos fazer o seguinte: primeiro, olhamos a casa, depois, se você quiser fechar negócio, tem toda liberdade para tirá-lo daí, ok? Ok.

É uma bela casa, olha a altura do pé-direito! Você reparou na beleza dos afrescos no teto? A escada é toda em madeira natural. Veja os quartos como são amplos, ventilados, banheiros grandes. E a cozinha lá embaixo, viu o tamanho? Não sei se você gosta de cozinhar. Meu noivo gosta mais do que eu. Viu o fogão à lenha? Esse não me interessa, prefiro preservar a mata. E este retângulo aqui no piso do corredor, o que é? Sabe que eu nunca tinha reparado! Não tenho a mínima idéia do que possa ser. E se for um alçapão e engolir a gente? Nossa! Viu como a tampa se encaixa no piso, justinha? Fiquei curioso, tenho aqui um canivete, eu forço a tampa e você puxa. Não dá não, a lâmina do canivete é muito curta. Tenta de novo. Não adianta. Tem que ser algo assim como um pé de cabra. Vou procurar no carro. Espere, eu vou com você. A garota cética

com medo de um alçapão? Ela pára, meio indecisa. Tem ganas de esmurrá-lo. Medo, eu? Você, sim. Sabe, acho que minha fome aumentou, vamos à tal lanchonete primeiro? Tudo bem, princesa. Qual é, não gosto desse tipo de tratamento; sou uma mulher comum, dou duro pra viver e de testo frescuras. O problema é... esta casa, pronto. A opressão do silêncio. Eu sei que a casa é sua, que você gosta dela, mas de repente a coincidência do nome, um alçapão camuflado, sei lá, parece coisa de filme de terror. Não precisa ficar nervosa, a gente almoça na minha casa, eu pego as ferramentas e vai ver não há mistério nenhum, vai ver tudo não passa de um remendo no assoalho. Ou, na pior das hipóteses, encontramos um esqueleto dormindo distraído seu sono eterno. Nem de brincadeira...

No carro os dois disfarçam, avaliando um ao outro. Ele: Não chega a ser gostosona. Meio magricela, talvez, mas tem uma boca! E parece boa de cama. Se ainda não é, vai ficar. Tipo despachadinha, gosto de mulheres assim. Ela: Se corrigisse a postura ficava bem melhor. Tem senso de humor. E dizem que os baixinhos são avantajados, será que é mesmo? Moro aqui. Aqui? Nossa, mas é esta a casa que estou procurando. É mesmo? Que coincidência. Entram. Sua sala é aconchegante, foi decorada por você? Mais ou menos, fui reunindo o que encontrava por aí; minha noiva quase não tem tempo pra vir aqui. Gostei, cara, gostei mesmo. Toma um vinho do Porto pra espantar os fantasmas do casarão? Aceito, porque gosto, sem a interferência dos fantasmas, que aí você me ofende. Enquanto fala, nota, sobre uma espécie de aparador, um porta-retratos de prata antiga, tão familiar quanto lhe parece a cara do dono da

casa. É peça de antiquário?, pergunta o mais casual que consegue ser. Não, é de família. Vem rolando de mão em mão, de país em país, ignoro desde quando. Como não tenho irmãs, acabei sendo o herdeiro.

Depois de muita peleja a tampa é removida. Meio encoberto por uma camada espessa de pó, eles descobrem, numa depressão do piso, um embrulho grande, cuidadosamente amarrado. Os dois levantam a peça com cuidado. Espera, vamos estabelecer as condições: se for um tesouro, dividimos ao meio. Não se esqueça de que a casa é minha. E quem foi que encontrou o esconderijo? Tá bom, meio a meio então. A curiosidade brilha nos olhos deles enquanto vão retirando sofregamente camadas e mais camadas de papel ressecado pelo bafo dos anos. Uma poeira fina como talco penetra-lhes o nariz, a boca, desce goela abaixo, provocando crises de tosse. Finalmente o objeto surge nu. Os dois gritam em sincronia: Outro retrato? Veja só, um casal de jovens. Parece a mulher lá debaixo, bem mais nova, quase uma menina, um pouco mais à vontade do que a outra, num vestido caseiro, e um cavalheiro em traje de montaria... Os dois se medem perplexos. Mas é você! E você. Somos nós? Nós dois juntos, como? Não e não! Me recuso a acreditar nisso. Você tramou tudo para se livrar da casa, pensou que eu fosse burra? Me empanturrou de vinho antes de abrir o assoalho. Eu? Você é que é uma chupinha de marca maior. Tava tão transtornada que enxugou a garrafa até o fundo. Vinho aqui é raridade, e sabe o que você fez? Bebeu minha última garrafa de vinho do Porto como se fosse água de torneira. Eu? Então você é

desses que oferecem e depois cobram? Eu pago, mas o preço justo, nem um centavo a mais. Calma! Juro que tô tão encabulado quanto você. E agora, que que a gente faz? Vamos sair daqui. E o quadro? Fica aí, ora. Descem as escadas, dando de cara com o outro retrato. Estacam ao mesmo tempo. Alguma coisa mudou nos traços da mulher: com um sorriso irônico, à Mona Lisa, ela parece desafiar o casal. Vamos fazer o teste? Eu? Só se fosse louca. Primeiro não acredito em nada disso; segundo, a gente nunca ia ter certeza. Se não acredita, pra que precisa de certeza? Não faço o teste e pronto. E quer saber mais? Cansei disso tudo, da casa, de você, dessa cidade de malucos. Vou direto pra rodoviária; pego o primeiro ônibus pra capital e esqueço que o dia de hoje existiu. Quero esquecer que foi no interior que conheci o mais infeliz dos trapaceiros. Tive uma idéia, ele diz, ignorando a trovoada de insultos dirigidos a ele: eu tenho um amigo que está noivo. Peço a eles pra virem aqui fazer o teste. E daí? Tudo combinado, eu sei. Decide você então. Já sei. Vamos lá pra praça, você fica de costas e eu escolho o casal, ok? Ok.

Têm certeza de que não conseguem? Tentem de novo, eu dobro a oferta. Olha, dona, eu não sei não, mas algum mistério tem esse quadro. Vamos embora, amor, isso pode dar azar pra gente. Eu também não tô gostando nada disso, vamos embora.

Ela sai pisando duro, a saia varrendo o paralelepípedo irregular. Ele a alcança de carro. Vai mesmo embora? Claro que vou. Eu menti pra você. E pensa que eu não sei? A respeito do vinho. Que que tem o vinho? Não era minha última garrafa. Quantas mais? Uma. Só? Não, duas.

Os anos se passaram na casinha aconchegante. Muitas outras quinquilharias foram colocadas em lugares estratégicos. Quatro crianças robustas crescem entre canteiros bem cuidados. Num cantinho escondido amontoam-se garrafas e mais garrafas de vinho do Porto vazias. Um dia os olhos tranqüilos da mulher abismam-se em espanto: Marido, acabo de ter uma lembrança! Boa ou má? A prova do retrato, lembra? Que que tem a prova? A gente nunca fez, e se o quadro sumiu? Não, o quadro continua lá, no mesmo lugar. Então vamos logo, amor. Agora? É, agora. Não, antes vamos fazer mais um filho. Você acha justo? Fomos evasivos nas explicações, e se nossos noivos continuam esperando a gente na capital? Nestes tempos de relacionamentos virtuais ninguém repara na ausência do outro. Basta saber que tem alguém à distância e tá tudo bem. Não lhe tiro a razão, mulherzinha, mas agora não.

Hoje, na barafunda de nove filhos, Tessa e o marido moram no casarão. Ela, ligeiramente gorda, mas com uma bunda de dar gosto; ele, meio careca, feinho como sempre foi. O retrato continua no mesmo lugar, enfeitando a parede; ninguém duvida que seja dela. Mesmo assim o casal nunca tirou a questão a limpo. Um dia, contra todas as expectativas, eles percebem um silêncio manso descansando a casa. Os filhos maiores na escola, os menores no parquinho com a babá. Acho que é chance única, mulherzinha. Então vamos lá pra cima. Não, quero aqui na sala. Aqui? E se chegar alguém? Morre de inveja da gente. Quero em cima da rosácea e embaixo desse teto pornográfico. Não era artístico, marido? Não, pra mim foi sempre pornô. Venho alimentando uma fantasia, faz anos, desde que a vi

aqui pela primeira vez, de costas, com aquela saia de cigana caindo mole até os pés, modelando sua bundinha atrevida. E por que esperou tanto? Fantasias são como vinho. Ah, safadinho, fala mais desses seus devaneios eróticos, fala, amor. Não, a roupa não, mulherzinha! Não tiro? Só a debaixo. Em meio ao destempero de corpos rolando em brasas, sussurros e gemidos, eles ouvem um baque metálico. Paralisada, ela pergunta: Que barulho foi esse? O quadro! Que que tem o quadro? Despencou da parede.

MORTOS-VIVOS

O sofrimento não tem/ nenhum valor/ não acende
um halo/ em volta de tua cabeça, não/ ilumina
trecho algum/ de tua carne escura/(nem mesmo
o que iluminaria/ a lembrança ou a ilusão/ de uma
alegria).

Ferreira Gullar

Não me chame de Srta. Mônica! Mônica Fontes, bela porcaria. Nome postiço. Só existe em passaporte fraudulento. E tem mais, não aceito essa piedade dependurada aí na tua cara. Nem a tua nem a de ninguém. Cigarro?, não, obrigada. Nem cigarro nem droga. Nunca usei, disfarçava, depois jogava no vaso. As garotas usam drogas pesadas, ecstasy, eu acho, distribuídas pelos chefes, eu não. Se foi crime premeditado? Claro que foi. Dignidade. Eu quis um dia, sabe? Opções. Uma carreira decente. Alimentei a esperança. Traçar meu caminho, sabe? Tijolo por tijolo. Self-made woman. Não queria nada de graça, nunca quis, porque sei que nada é de graça. Pode ser também que viesse a ser merda. Puta de traficante. Não sei. Mas assim do jeito que foi? Aí vem o senhor me propondo, querendo que eu negue a premeditação. Que que o senhor quer, doutor, anular minha façanha, me anular, desqualificar meu mérito? O único? Matar aquele safado foi tudo, mas tudo mesmo

que EU fiz por iniciativa PRÓPRIA, todo o resto me foi imposto, enfiado goela abaixo. Não, não abro mão. Sem a confirmação do crime não me sustento, doutor, é ela que vai me segurar até que a tinta preta da morte faça meu registro numa lápide fresca: Berenice Ferreira (sem o Dantas, por favor). Aí, sim, vou ser dona de mim. Ter um nome.

Medo da condenação, eu, doutor? Conta outra. Só tem medo da prisão quem um dia foi livre, e liberdade, pra mim, sabe o quê é, doutor? Palavra. Oca. Subnutrida como eu fui um dia. Liberdade! Ah, como soava bonito. Inflava a boca murcha dos professores da rede pública. Feia quando usada nos palanques da política gorda. Intimidade eu tenho é com o arrocho, com a falta de espaço, eu, que sendo pequena, ocupo tão pouco. Mas o senhor não tem culpa não, doutor, tá aqui pra me ajudar, eu sei, me ensinar a arte da mentira. Cometi erros, posso cometer outros, mas mentir eu não minto não, doutor. Matei por nojo. Nojo do bandido que me roubou o futuro. Pode até ser que eu não tivesse porra nenhuma de futuro, entende?, muitos não têm. Problema meu, escolha minha. Mentindo vou sentir asco de mim mesma. Firmei ali, ao lado da carcaça fresca de minha catástrofe, o juramento de vingança. Muitos falam em exagero, filme de faroeste, mas não é não. Vender gente por necessidade, pode ser que um dia me desse um clique e eu entendesse. Sei o que é acordar no meio da noite com a barriga roncando de fome, mas ser o primeiro a abusar, aí não, doutor, foi aí que ele colocou a corda no próprio pescoço. O senhor quer saber o quê, exatamente? Tudo? Eu conto. O tempo é relativo, doutor, não tem medida nem coerência, depende do espírito (ou seja lá o que for), da vontade de cada um. Aconteceu há mil anos, mas foi on-

tem. Meu espírito (ou seja lá o que for) ficou aprisionado na favela, nunca pôde sair de lá. Uma parte de mim ficou de vigília, segurando a corda do tempo, guardando a memória. Eu até podia não ter matado, ele já era um morto vivo. Talvez seguir vivendo fosse castigo maior do que ter uma morte instantânea, não é mesmo?

Não sei se pra ele. Pra mim começou naquele dia. Nunca tinha percebido antes. O sol alaranja o céu, ensanguenta o início da noite. Caras suadas. Pés vermelhos de chão. Gritos estridentes: já te vi! Depois de muita embromação, dos argumentos de sempre: ainda não, mãe, tá todo mundo brincando ainda, mãe, e ontem eu fui a primeira, hoje é o dia do Zaca, entro pro banheiro, trazendo na cara suada uns restos de alegria. O banheiro é um cubículo mal rebocado, perto da cozinha. Nas gretas mofadas pererecas espiam baratas. Sobre minha cabeça, dependurada num fio ensebado, pisca a luz amarela de uma lâmpada de 100 watts, única iluminação da casa. Mãe esquenta as sobras do almoço, apertando os olhos pra enxergar melhor. Meus gritos pipocam na panela, ricocheteiam pelas paredes embasbacadas. Entro na cozinha esbaforida: Mãe! Manheeê, olha aqui, mãe, aconteceu, e agora, mãe? Pra meu espanto, ela começa a rir. Ri daquele jeito seu. Quando mãe se esquece das emboscadas da vida e ri, ela ri com a cara inteira. Com o corpo todo. Gosto quando mãe ri assim. O mundo fica limpo, pintado de amarelo vivo, a gente acredita nele. Depois. Depois é depois, na hora a gente fica tingida de cores e acredita. A alegria de mãe é uma peste benigna, que vaza pelos buracos das paredes, escapa pelos vãos das telhas e contamina os vizinhos; a favela inteira ri quando mãe ri. Riso meio desdentado, mas riso.

O povo vai chegando e rindo de mim, de minha ignorância. Toda gente vê minha calcinha puída manchada com uma nódoa marrom, que não é lama, porque não está chovendo. Uma porcaria à-toa de sangue, mas suficiente pra me deixar assustada. Vê e zomba. Quando passa a vergonha fico orgulhosa. Mãe me leva pro quarto, rasga em tiras uns lençóis velhos, dobra com todo cuidado e me ensina a usar. Absorvente é luxo, coisa pra quem pode pagar. Fico irritada. Tenho que andar com as pernas meio abertas, tomando cuidado pro pano não cair, quando eu corro pelas ruas poeirentas. Enquanto dura o sangramento, não posso escalar o tronco liso do tamarindeiro mais depressa que qualquer um dos moleques da rua, e depois ficar sentada no galho da direita, chutando o ar com as pernas, uma de cada vez, enquanto, gordas, elas passeiam sua preguiça de nuvens. Agora me ocorre que beber o vento no topo da árvore talvez fosse um princípio de liberdade, não sei. Sentada, balançando as pernas, eu penso, se fosse árvore queria ser um pé de tamarindo pra olhar o mundo do alto, não com soberba, mas com orgulho de meu tamanho. Da confusão do primeiro sangramento só ficou uma coisa boa, aquele momento nosso, meu e de mãe, ela toda cuidadosa me ensinando, me tratando como sua igual. Meus irmãos debocham, olhando pelas frestas da porta, mas eu sei que estão com inveja. Eu sou a única filha.

É isso. Começa naquele dia. Ele chega mais cedo em casa, antes de mãe. Vem acompanhado de estranhos, que são tratados como íntimos. Não são pedreiros como ele, nem moram na favela. Não gosto da malícia deles furando minha roupa. Mas são bajulados por ele, tratados com ce-

rimônia. Cada dia um ou dois diferentes. Eu sou magra, ossuda, foi preciso muito talento para descobrir naquele corpinho raquítico a mulher que eu acabaria sendo. Quanto pagaram por mim? Eu nunca soube da quantia, nem do momento em que o negócio foi fechado.

Três dias antes de me entregar ao comprador, acho que foi isso, ele me espera na porta da escola, diz que vai comprar uma taça de sorvete só pra mim. Fico espantada, pensando, que novidade é essa? Enquanto eu devoro o sorvete, na calçada suja de um boteco de esquina, longe de casa, ele começa a me olhar com os olhos desconhecidos daqueles homens. Nem sinto direito o gosto do morango. Depois não disfarça mais, vai me empurrando pra longe, até nosso bairro virar um montinho disforme de casebres indecisos. Meu coração bate acelerado. O sol ainda é quente e eu suou muito. Corro a vista pelo descampado com cheiro de mijo e de merda seca. Há lixos e sucatas espalhados entre moitas de capim ressecado. Será que não tem uma saída? Urubus disputam a carcaça magra de um gato. Fico com inveja deles, quando a ameaça fechar o cerco, podem voar. Logo adiante surge uma moita mais espessa de capim. Sou atirada sobre ela, o peso de seu corpo me afunda. Esperneio e tento gritar, minha boca arde espremida pela força bruta da sua. Uma baba nojenta com cheiro de fumo e de cachaça me escorre goela abaixo. Meus lábios queimam, sinto gosto de sangue misturado ao sorvete. Mesmo sufocada, continuo lutando. Me tranco contra o fogo de seu corpo sobre o meu, a boca nojenta me chamando de pestinha, o peso de suas mãos contra meu rosto, uma, duas, muitas, muitas vezes. Atordoada, fico surda pra não ouvir o riso irônico de sua vitória. Ele vai me matar. A morte é uma

certeza, quando sinto o rangido áspero de meu corpo rasgado feito um trapo inútil, o sangue escorrendo, buscando refúgio nos poros da terra. Não sei qual dor dói mais fundo, a dor física ou a da humilhação. Dói tanto que eu me consolo: é a última dor, a dor da morte, só pode ser. Desgraçado. Ele rola pro lado como um porco morto. Meu corpo queima, a cabeça lateja. Não respiro. Não faço nada. Não fazendo nada fica mais fácil morrer. Continuo com as unhas cravadas na terra. Os mortos não agem. Sombras de urubus rasantes fazem cruzeiros sobre minha inércia. Agora sei porque ele escolheu este lugar. Sons remotos. Balidos de lebres feridas. Chegam. Devagar. Ovelhas degoladas berram. E são meus os vagidos. Acho estranho, porque de minha boca não sai nenhum ruído. O som é surdo, começa e acaba lá dentro. Depois, rugidos de fera. Não sei se é aviso ou chamado. Estou do avesso. Vejo de dentro pra fora. Não faz sentido esperar, gritar. Ter esperança. Acreditar. Bem no centro de minha cabeça acontece uma coisa grande. Ainda não sei se é boa ou má. É grande. Maior até do que a dor, do que a humilhação. Maior do que tudo no mundo. Do que a soma de todas as bestialidades mundo afora: traficante exigindo o sangue do devedor como pagamento da dívida; gente torturada, estuprada; inocentes seqüestrados pela máfia; terroristas detonando creches abarrotadas de crianças. Essas coisas que bombardeiam os dias, que acontecem a toda hora, que mãe apagava na televisão, fechava a porta na cara. Que me metiam medo e agora fazem parte de mim. Sou parte da selvageria do mundo. É por causa dessa coisa bem aqui, no centro de minha cabeça, que eu fico sabendo. Sei que me travo. Sei que meu corpo se fechou pra vida e pra morte. O corpo só

morre quando o espírito – ou seja lá o que for – deixa. O meu não vai morrer enquanto eu não fizer o que tem que ser feito. Não quero mais nada que não me sirva. Me esvaio. De tudo que eu era. De tudo que eu pensava que um dia ia ser. O sol vai desaparecendo, deixando o céu manchado de roxo e de vermelho. Meninos e meninas sem rosto. Enfileirados. Seduzidos pela pata suja da máfia. Mãe nos esconde dos traficantes, diz que os chefes fazem lavagem cerebral nas crianças. Minha vontade ainda é fraca. Ainda. A semente da fera foi implantada. Quando ele fala é pra ameaçar, diz que se eu abrir o bico, ele me mata. Mostra uma faca de ponta tão afiada que pode muito bem cortar um fio de cabelo voando. Cara burro!, acaba de me igualar a si, agora quer se impor pela força? Imagina se eu ia falar de uma vergonha daquelas?

Em casa me atiro num canto escuro. Acuada como um bicho, um rato; o som de sua voz me faz tremer tanto que tenho medo de um ataque apopléctico, um troço como o daquele soldado que caiu nas mãos dos caras da droga. Mãe percebe minha alteração. Resvala os olhos por mim, perguntando, sem tempo de esperar a resposta, o que essa menina tem que não me ajuda mais?

Três dias depois ele me entrega ao comprador, um homem asqueroso, dono de um corpo que começa largo e termina nuns pezinhos miúdos. Obedece cegamente aos ponteiros do relógio, mas seus passos estreitos estão em desacordo com a urgência do tempo, percebo. Não me olha, não faz perguntas. Pega a mercadoria e sai apressado. Não morro de desespero, porque já estou morta. Sou trancada numa casa limpa, junto com outras cinco garotas tristes. Fico com raiva da tristeza delas. Fico com raiva de quem

inventou a vida. Uma mulher elegante, seca como um pergaminho, e sem nome, nos ensina a andar. Quase morro de espanto, pensava que eu soubesse. Com leveza, ela diz, como uma planta tocada pela brisa. Ensina outras coisas também. Coisas como pentear os cabelos, pintar os olhos e os lábios. A fazer caras e bocas. Tava na moda. Agora tenho pernas de pau como os palhaços do circo. Ando em cima de um par de saltos tão altos, mas tão altos que volta e meia me desequilibro e meto a cara no chão. Pra não ficar parecendo uma lingüiça, movimento meus quadris como se estivesse equilibrando um bambolê. Parece que a mulher sem nome gosta. Ela tem idéias bem extravagantes. Uma delas é exigir que a gente desfile nua. Na primeira vez fiquei embasbacada. Será que pra ela é normal andar por aí sem roupa? Fico só na especulação. Primeiro, por não falar mais, segundo, porque tenho medo daquela régua comprida que ela usa pra gente engolir a barriga e empinar a bunda, assim. Acho que nunca teve um homem, ou tem homens demais, não sei, o que sei é que ela fala deles como se fossem deuses, e nós, suas oferendas. Ela também nos oferece livros pra ler. Não gosto daqueles livros. Se fosse antes acho que tinha gostado. Agora não. Eles me fazem sentir coisas, e eu fico com raiva das coisas que eles me fazem sentir. Sinto falta dos livros enebados que eu lia na biblioteca da escola, das coisas que eles prometiam e que agora sei que nunca vou ter. Se eu ainda quisesse interpretar a vida ia ficar ainda mais confusa. Há também seções de filmes, primeiro de amor, depois de sexo explícito. Gostava muito mais dos desenhos animados. Vou virando uma coisa que eu não sei o que é. Acho até que sei, mas não quero acreditar. Gueixa *sulamericana*. Latina sub-

missa. Pés grandes. Bunda grande. Lábios generosos. Garota de programa. Puta. Não me quebraram os ossos dos pés. Cortaram minhas asas. Muitas vezes vomito no banheiro até cair prostrada. Perdi o sono. Algo que não sei definir direito me mantém acordada. Não falo com ninguém. Não sei quanto tempo faz que não emito um único som. Um dia a mulher sem nome (que as outras chamam de pavo) me pede pra recitar um poema erótico. Faço que não com a cabeça, mas ela tem métodos convincentes. Fico espantada com o som áspero que me arranha a garganta. A mulher puxa uma mecha de meus cabelos enquanto diz: Dulce, más dulce, hija. As outras garotas também só usam a voz para se agredirem ou zombar da mulher. Nos dias que a mulher não vem fico deitada, acompanhando a trajetória do sol. Seguro minha cabeça com força e digo não pensa, não pensa. Mas no pensamento ninguém manda, nem a cabeça onde eles são fabricados. Aí eu penso como é que o sol ainda tem disposição pra iluminar esse mundo horrendo? Se eu fosse o sol, fazia greve, não iluminava porra nenhuma. De vez em quando o gordo aparece para nos medir com seus olhos experientes, que olham tudo sem olhar nada. Dá pra ver que ele sabe avaliar, mas parece que não gosta de mulher, nunca agarrou nenhuma de nós. Ignoro desde quando estou nesta casa. Há espelhos grandes espalhados, mas não tem calendário, televisão, nem telefone. Nada que possa medir o tempo, dar informação. No começo pensei em fugir, na primeira tentativa descobri que, entre as cinco garotas, uma, que não sei qual é, é espiã. Mesmo não querendo admitir, sinto medo. Muito. Medo, raiva e tristeza. Raiva de tudo que adivinho nas outras. De todos os pavores que assombram meus dias compridos e

as noites acordadas, o maior é o de não encontrar o caminho de casa. Nem saudade eu posso sentir, porque em casa está o bandido. Repito o endereço. Repito, repito muitas vezes. Recordo o traçado irregular da favela serpenteando as bordas do rio, respirando o hálito fedido da água, as casas esmolambadas trepando o morro, o nome da rua e o número de nosso barraco pregado no poste de iluminação. Entre ruídos indistintos, ouço os passos de minha mãe percorrendo as ruas intermináveis da cidade, andando na contramão das pessoas, com meu retrato apagado de tanto passar de mão em mão. Será que ela ainda ri daquele jeito? Que será que ele inventou pra justificar meu desaparecimento?

Antes de pegar o avião (meu primeiro emprego, entre aspas, foi em Madri), aprendi como agradar na cama. *Trabalhando*, conheci todo tipo de homem que se possa imaginar. Os impotentes deprimidos. Desses, mesmo carbonizada por dentro, eu tinha uma quase reação de pena. Juntava uns restos chamuscados de emoção e tentava colocar cataplasmas no seu constrangimento exposto. Os impotentes agressivos, que compensavam a frustração agredindo a parceira. Contra esses eu não tinha força, simplesmente rezava para que a fúria passasse antes que meu corpo virasse farinha. Mas a pior espécie, aquela que nos aniquila, é a dos perversos, porque desses tudo se pode esperar. Também conheci homens que em situação normal eu chamaria de especiais: bonitos, ricos, inteligentes. Educados. Sensíveis de provocar cólicas na alma de uma garota carente feito eu. Mas um homem que paga para possuir uma mulher nunca vai merecer meu respeito. Além disso, o trauma de minha primeira experiência anulava em mim

o sentido do prazer, a predisposição para a confiança, a entrega sem restrições.

Onze anos. Levei onze anos para voltar ao Brasil e concretizar minha vingança. Em lugares alheios, em línguas que não me pertenciam, perguntei muitas vezes: quem eu teria sido se não fosse uma escrava de luxo, programada para agradar? Que coisas grandes ou pequenas eu teria realizado? Como meu corpo teria reagido ao toque de mãos amorosas? Qual a sensação dos lábios de um bebê nos meus seios prontos para a amamentação? Mas acima de tudo eu perguntava: como pode uma pessoa viver sem o direito à escolha? Me desculpe dizer, doutor, intimidade a gente não tem. É só pra quebrar o clima, sabe? Pau, vi de tudo que é tipo: grosso, fino, reto, torto, branco, preto, branquíssimo, pretíssimo, feio, bonito. Nenhum teve o poder de me devolver a ansiedade que eu começava a sentir quando pensava neles. (Fundo da sala. Olhos vidrados. Desconfiados, de um menino. Mão direita sobre a carteira. A esquerda, todo mundo sabe onde. O fundo inquieto da sala se mexe na carteira. Sinto o bico de meus peitos. Debaixo da blusa como dois olhos atentos. Peitos pequenos ainda. Às vezes incham, doem, dor quente de furúnculo. Depois some por dias).

De volta ao Brasil observei as pessoas na rua, principalmente aquelas da condição de minha família quando fui vendida. Na entrada da favela parei espantada. Muito maior do eu tinha deixado, exibe uma agressividade crua que mete medo. Imitando o jeito de ser das mulheres do morro, tentei passar despercebida. Consciente de que estou sendo vigiada, criei coragem e rompi a barreira do tempo. O barracão estava lá, sinistro e arruinado. Triste, pare-

cia desabitado. Na segunda tentativa vislumbrei, no interior escuro, a figura de uma velha cuidando de um bebê. Filho de um de meus irmãos, com certeza, meu sobrinho. Seguei o impulso destrambelhado de correr até minha mãe ou o que restava dela. Dele, nem sinal. Continuei montando guarda. Não sentia fome nem nada. A sensação estranha de não pertencer a lugar nenhum. A ninguém. Ia nos horários mais desencontrados. Se algum daqueles mal-encontrados me barrasse, não sei o que ia dizer. Talvez comprasse droga, não sei.

Apareceu numa manhã. Cedo ainda, bêbado e quase maltrapilho. Calculei que minha ruína tinha rendido pouco, ou o dinheiro mal empregado. Passei o dia em vigília, escondida nos escombros de um barraco abandonado, nas proximidades do dele. Pelo final da tarde ele deixou a casa com os olhos inchados de sono. Segui o homem. O sol ia se pondo, enchendo o céu de manchas roxas e vermelhas. E descobriu que ele era vigia de obras? Exatamente, doutor. O senhor vê como o destino conspirava a meu favor? Quer ambiente melhor para um crime do que um canteiro de obras, doutor? Além do arsenal de ferramentas à minha disposição, descobri que o desgraçado se embebedava no trabalho. O resto o senhor sabe, com a picareta mais pesada que meus braços conseguiram erguer, matei o vigia de construção civil Argelino Dantas. Mas antes do golpe, antes que o desgraçado entregasse a alma ao diabo, tive o capricho de sussurrar em seus ouvidos, bem de leve, com a voz sedutora que a mulher sem nome me ensinou a fazer, sabe quem eu sou, Argelino? Olha bem pra mim, sou a Berenice. Foi aí que eu quase desisti. Dei tudo por vingado. O velho me olhou do fundo mais remoto de sua misé-

ria. Então eu soube. Soube que ele tava morto, morto de velho. Tem castigo maior do que morrer e seguir vivendo? Aí ele cometeu a besteira. Deixou o medo vazar. Recuou espantado. Era daquele medo que minha vingança precisava. Arrependida, eu? Por que iria me arrepender, doutor? Pai? Que pai, doutor, você me acha com cara de réptil?

SENSAÇÕES

Tua sedução é menos/ de mulher do que
de casa:/ pois vem de como é por dentro/
ou por detrás da fachada.

João Cabral de Melo Neto

Atravessou a rua em passos lentos. Passos comedidos de encompridar distâncias. Temia a chegada. Numa obstinação inútil, fincou a vista no asfalto, ignorando a placidez azul-avermelhada do lago. Lutava também para neutralizar as sentinelas, presenças incômodas, figuras ubíquas que, de longe, acompanhavam atentas os movimentos da invasora, arredias a cada nova visita. Em grupos de três, quatro ou cinco, silenciosas e irritantemente altivas, escarneciam da envergonhada covardia da mulher. O inverno trouxe dias piores. O vento frio e seco desandou a esgoelar seu furioso uivo de animal enjaulado. Com o açoite, as palmeiras, esqueletos curvos de cabelos desgrenhados, cresceram em agressividade e determinação. Quando menos se esperasse, poderiam, num esforço supremo, desprender suas raízes da terra e, num vôo suicida, arremessar contra a casa invasora seus troncos de canhão. A grama encolhida empedrou-se em tons de terra nua, cinza. As poucas árvores perderam o viço.

Deu meia volta, ficando de costas para o lago imóvel naquela hora do dia.

Levantou a cabeça e, num desafio mais patético que verdadeiro, encarou o objeto de seus temores. Desenhada contra o céu ensangüentado, a construção parecia ainda mais ameaçadora em sua fria majestade. Ali, mal fincada no terreno novo, com o interior em argamassa fresca, a mulher sentiu, mais do que nunca, a desproporção entre sua inconsistência e a sólida convicção da casa.

A casa. Sua? A última, talvez. No jardim, uns pobres fiapos de árvores, filhotes de arbustos, florzinhas rasteiras ainda, espichavam seus finos braços de planta, lutando bravamente contra a falta de hospitalidade do clima frio e seco naquela época do ano. Absteve-se de olhar ao redor. Nem era preciso. Tinha, colada à retina, a estagnação da paisagem ultrajada, espoliada de suas peculiaridades. Mal definida: nem agreste, nem urbana; bela, fria e completamente sem vida: raros habitantes confinados em cômodos espaçosos; algumas construções, promessas de moradias suntuosas e um nunca acabar de terrenos, gramados vazios cuja maioria dos donos morava em lugares distantes. Por que o incômodo? Um quase medo. Ultrajada, espoliada de suas peculiaridades. Mal definida. Nem agreste, nem urbana. A terra. E ela, a mulher contemporânea? Multifacetada, multimídia. Engajada. Bem ou mal explicada? Resolvida, afinal?

Com o olhar crítico de um avaliador de imóveis, averiguou a casa pronta, à espera de seus moradores. Apreciou esquadrias, janelas, telhados de muitas águas. Efeitos decorativos. A escada de mármore cinza esverdeado, sinuosa serpente arrastando-se até à porta principal, carente de

rastos, marcas de pés. Veio-lhe à memória o velho casarão do avô, com os treze umbigos dos treze filhos plantados junto à entrada principal. De linhas simples, meio achata-da entre tufos de árvores, sem pretensão de estilo e deformada pelo acréscimo de cômodos conforme aumentava a família, a casa do avô serenava uma dignidade franca e maternal.

Sentiu no peito a punhalada fria da ausência. E nos ombros, o peso do inevitável: cabia a ela, a dona da casa nova, a meticulosa tarefa de urdir filandras de alma para a habitação oca. Preparada ou não, teria de parir histórias; fantasiar datas; confeitar natais, aniversários; arabescar engenhosos desenhos de harmônica convivência entre os moradores; enfileirar dias, meses e anos até que a pele jovem da casa adquirisse o tom esverdeado e rugoso que a passagem do tempo confere.

O cheiro fresco de tinta bateu em seu emocional alterado, provocando ânsia de vômito.

E se voltasse atrás? Um simples telefonema seria suficiente para cancelar a mudança. Poderia alegar problemas no aquecimento central. Ninguém se sujeitaria à ducha natural com a temperatura tão baixa.

Foi recebida em casa pelo hálito morno da boca da noite. Luzes, vozes, cheiro quente e convidativo de comida caseira. O alvoroço de sempre. Mãe, o pai ligou. Ligou? É, avisando alguma coisa. Você não acha alguma coisa meio vago, Pedro? Que coisa? Anotei em algum lugar por aí. Onde? O recado do pai? Pior, já era. O Gabo anotou nosso novo número pra namorada dele no papel com o recado. Tenta o celular. Já tentei, mas como sempre está sem serviço. Esquece, vai, seu pai há de aparecer.

Fernanda chega meio murcha. Vim buscar uns restos de coisas que deixei aqui. Não confio em mudanças. Nelas tudo desaparece. Além disso, queria me despedir do apartamento. Tantos anos aqui, né? É verdade que o pai já vendeu nosso apartamento, mãe? Um! Cheiro bom! Hei, hei, Pedro, manera, o bolo não vai fugir, não! Guarda um pedaço pro Carlos, mãe, ele vem mais tarde. Pro cunhadinho guloso, o boca-livre? Guarda nada, mãe!

Tudo pronto, meu bem? Separou as bebidas, os cristais? O caminhão encosta amanhã bem cedo. Espero que você tenha tido o bom senso de descartar as quinquilharias inservíveis. E os brinquedos das crianças, o pessoal da creche já buscou? Imagine, guardar aquilo! Na casa só quero coisas novas. Coisas novas? Apenas? Pois eu me quero inteira lá dentro. Sem meus trastes inservíveis, na opinião de vocês, minhas teias de aranha, meus pelos de gato, não vou de jeito nenhum! Quanto aos brinquedos, *aquilo*, como você diz... mantive uns poucos. São relíquias nossas, meu amor, têm história. História! História a gente guarda é aqui, oh, na memória. Vamos ver, então: você se lembra da nossa primeira transa aqui, no apartamento? Se me lembro... Por um triz a gente não quebrou o mármore da mesa nova!

Última noite no apartamento, que agora era chamado de velho. Teve a certeza: o sono não viria antes da madrugada. Levantou pé-por-pé.

Olhou as paredes da sala com as marcas esbranquiçadas dos quadros já retirados. Tateou ao acaso paredes, portais, o piso, procurando ali os dedos dos filhos. As cortinas, ainda no lugar, coavam uma luz esbranquiçada. Não acionou nenhum receptor. Gostava de caminhar pelos cô-

modos adormecidos, recebendo na sola dos pés o calor da madeira; de sorver o pulsar próprio de cada ambiente. Inspirar o cheiro. De sentir na pele quase nua, sob a transparência da camisola, o abraço carinhoso das paredes apertadas. 220 m². Tamanho ideal para uma família de quatro pessoas, depois que a filha se casara. Nem em pensamento conseguia adequar o corpo miúdo aos 450 m² da nova casa. Era espaço além da conta para as exigências de seu sono leve, acostumado ao aconchego do quarto onde cada centímetro tinha sido inteligentemente aproveitado; a cômoda, que se transformava em mesa de trabalho; o colchão de tamanho normal, onde os corpos se encaixavam. Vizinhos que apareciam para um papinho rápido na varanda-escritório.

E quando não tivesse mais caixas para esvaziar? Quando os poucos móveis se estranhassem, encolhidos em lugares que não sentiam como seus? As roupas todas nos armários? A louça separada?

Desistiu do sono e pôs-se a encaixotar os livros com a pressa de um clandestino. Começou pelas obras completas de Monteiro Lobato. Não admitia mãos estranhas anulando as digitais infantis impressas nas capas. Estaria se transformando numa pessoa avarenta em relação ao passado? Comportando-se como uma... velha?!

Despertou do susto com a campainha do telefone. Te acordei, mãe? Não, Fernanda, estava meio sem sono. Resolvi encaixotar algumas coisas. Sem sono? Fala a verdade, mãe, eu também tô mexida, retalhada, sei lá mais o quê, mãe. Invadiram meu mundo, sabe? Pequeno, mas meu. Foi aí que eu nasci, não foi? Cresci, tive minha primeira menstruação. Suspirei, abobalhada, meu primeiro beijo. Do Rogério, sa-

bia? Não quero outra gente aí dentro, mãe! Casa da gente é a primeira. Sei que posso parecer egoísta. Tô me sentindo mal, de verdade! Boba, piegas. Sei lá. Você acha normal eu me sentir assim, mãe? Normal? Não sei. Qual o conceito de normalidade? Você sabe? Alguém sabe? Sei que é humano. Profundamente feminino o que você está sentindo, filha. É tudo que eu sei.



Adalice da Silveira Barros, goiana de Caçu, é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás. O início de sua carreira, em 1999, se deu com o lançamento do livro de contos *Salada de Capitães. Um jeito torto de vir ao mundo* – premiado pela UBE-Rio de Janeiro e pela Academia Goiana de Letras e indicado para vestibulares das três universidades de Goiás no período 2003-2004 – marca uma estréia segura no gênero romance. Em 2002, publicou *Prisioneiros do vento sul*, contos, obra que mereceu apreciação elogiosa da crítica. Voltando ao romance, em 2003 publicou *Iana sol e sombra*, narrativa que dá continuidade à trajetória da personagem adolescente do seu primeiro romance. No mesmo gênero, publica *Barrabás*, em 2005, cujo tema, assim como no seu primeiro romance, é a busca da identidade. Membro da Academia de Letras e Artes do Extremo Sudoeste de Goiás, recebeu o Troféu Goyases da Academia Goiana de Letras em 2007.

Camumbembe, coletânea de contos que tematiza os variados “avessos da vida”, recebeu premiação pela UBE do Rio de Janeiro, Troféu Henry Laus, quando ainda inédito, em 2006.

A segurança com que se debruça sobre os diversos problemas de uma sociedade em franco declínio físico e moral nivela Adalice aos grandes ficcionistas da atualidade.

Esta obra foi composta em Minion Pro
no ateliê da Cãnone Editorial; a impressão se fez sobre
papel Pólen Soft 80g, capa em Cartão Supremo 250g/m²,
na Gráfica e Editora Bandeirante, em julho de 2008.
